



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA**

BELLINY MARRONE VALENTE

**SABERES, VIVÊNCIA E ANCESTRALIDADE:
dinâmicas de aprendizados e continuidade nas práticas de curas entre benzedeiro(a)s e
curandeiro(a)s de Monte Alegre – PA**

SANTARÉM

2022

BELLINY MARRONE VALENTE

**SABERES, VIVÊNCIA E ANCESTRALIDADE:
dinâmicas de aprendizados e continuidade nas práticas de curas entre benzedeiro(a)s e
curandeiro(a)s de Monte Alegre – PA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Programa de Antropologia e Arqueologia
para obtenção grau de Bacharelado em
Antropologia; Universidade Federal do Oeste
do Pará, Instituto de Ciências da Sociedade.

Orientadora: Profa. Dra. Myrian Sá Leitão
Barboza

SANTARÉM

2022

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/UFOPA

V154s Valente, Belliny Marrone
Saberes, vivência e ancestralidade: dinâmicas de aprendizados e continuidade nas práticas de curas entre benzedeiro(a)s e curandeiro(a)s de Monte Alegre - PA / Belliny Marrone Valente – Santarém, 2022.
68 p. : il.
Inclui bibliografias.

Orientadora: Myrian Sá Leitão Barboza
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Sociedade, Programa de Antropologia e Arqueologia, Bacharelado em Antropologia.

1. Transmissão de saberes . 2. Práticas de cura. 3. Benzimento. 4. Religião de matriz africana. 5. Amazônia. I. Barboza, Myrian Sá Leitão, *orient.* II. Título.

CDD: 23 ed. 306.4098115



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

BELLINY MARRONE VALENTE

“Saberes, vivência, e ancestralidade: Dinâmicas de aprendizados e continuidade nas práticas de curas entre benzedeiro(a)s e curandeiro(a)s de Monte Alegre (PA)

Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharelado em Antropologia com objetivo de obter aprovação na disciplina TCC-3, e obtenção de grau de Bacharelado em Antropologia na Universidade Federal do Oeste do Pará.

Nota: 08

Data de Aprovação 16/02/2022.

PRESIDENTE: Prof. Dra. Myrian Sá Leitão Barboza
Universidade Federal do Oeste do Pará

AVALIADOR(A): Prof. Dra. Carla Ramos Munzanzu
Universidade Federal do Oeste do Pará

AVALIADOR(A): Prof. Dr. Anderson Lucas Costa Pereira
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Dedico este trabalho a minha avó, Maria
Guiomar Valente. E a todos
curandeiro(a)s e benzedeiro(a)s do
município de Monte Alegre, por tudo e
por tanto.

AGRADECIMENTOS

O desenvolvimento deste trabalho deve-se primeiramente a minha avó, Maria Guiomar Valente.

Agradeço a Deus, aos meus orixás Oxum e Oxossi, aos meus guias, em especial caboclo João Légua, Cabocla Mariana e o caboclo Rompe Mato;

A todos(as) colaboradores(a) desta pesquisa, em especial ao Ubiraci Pinon (mais conhecido por Pai Bira), Lindalva Borges, Kisse Leivas e Pai Jackson, figuras importantíssimas para Monte Alegre-PA, sobretudo, para a religião Afro-brasileira.

A minha mãe Maria de Nazaré Valente, por todos os ensinamentos, conselhos e afeto, sendo minha inspiração de vida – eu amo você, mãe. Obrigado!

A minha companheira Daniele Freitas, por ter me proporcionado tudo que me mantém focado, em cada passo que tenho trilhado na minha caminhada acadêmica nos últimos anos;

A minha amiga Fabíola Pinheiro, por dedicar tanto esforço na luta Quilombola, sobretudo ao Quilombo de Peafú e ao povo de santo de terreiro.

Em nome da professora Lucybeth, agradeço todas as professoras e professores do curso de Antropologia.

Agradeço a Elen Jaqueline, Professora Luane Fróis e Fabíola Pinheiro pelas orientações e diálogos no meu processo de escrita.

Aos meus irmãos e irmãs; Kisse Leivas, Suelen Sayure, Rube May, Paulo Jhow, Rubenilson Valente e Darlen Samanta, pois são minha inspiração, e cada um com seu jeitinho me motivaram nesta jornada.

Aos meus irmãos-amigos da turma de Antropologia 2015 que tiveram colaboração direta com minha trajetória na universidade: Elen Jaqueline, Daniel Almeida, Paula Pires, Gabi Machado, outros(as).

Agradeço à professora Myrian Sá Barboza, pela amizade, inspiração e orientação.

A minha família do terreiro Ilê Asé Oyá Dinan, em nome de Mãe Mariazinha da Oxum, agradeço imensamente.

Ao Coletivo de Estudantes Quilombolas que tanto me inspirou a continuar nesta caminhada e me uniu aos meus irmãos e irmãs quilombolas de luta, que juntos compartilhamos nossas vivências do quilombo e aprendemos coisas novas na universidade.

“Ninguém é tão sábio que não tenha necessidade de ser um eterno aprendiz”

Mãe Stella de Oxoss

RESUMO

Na Amazônia temos uma quantidade expressiva de curandeiros, benzedeiros, puxadores, pajés, parteiras, pais e mães de santo, que são personalidades importantíssimas para os que buscam ajuda espiritual. Os curandeiros e benzedeiros são reconhecidos pelo trabalho com ervas medicinais e orações que lhes foram repassadas durante seu processo de inicialização das práticas de cura. Essa dinâmica de repasses se dá através dos caboclos encantados, por pessoas próximas ou revelações. Portanto, este Trabalho de Conclusão de Curso teve como objetivo realizar uma análise das dinâmicas de práticas e aprendizagem de cura pelas mãos de benzedeiro(a)s curandeiros(as) da religião de matriz africana, na cidade de Monte Alegre-PA e entender como essas práticas ocorrem na vida das pessoas que estão se iniciando nesta atividade, sobretudo, como os mais velhos estão pensando o interesse dos mais novos. Além de dialogar sobre como se dá o processo de transmissão dos saberes com os que estão iniciando no ramo da cura e benzimento. A metodologia desenvolvida foi a realização de história oral e etnografia com os interlocutores da pesquisa, que são senhores e senhoras referências no âmbito da cura e benzimento na cidade de Monte Alegre, sendo eles(as) Maria Guiomar, Lindalva Borges, Ubiraci Pinon, Pai Jackson Valente, Maria da Conceição e Pai pequeno Kisse Leivas. Trata-se, pois, de um trabalho sobre os processos dinâmicos de compartilhamento do saber fazer dos curandeiros(a)s e benzedeiro(a)s. Este estudo funcionou como uma verdadeira *gira*, pois mexeu com as estruturas vivenciadas pelos interlocutores, reativando suas memórias afetivas e ancestrais. Como resultado percebi forte atuação dos(as) mais jovens que estão em constante processo de aprendizagem, conforme as relações vão se estabelecendo com os mais velhos, as dinâmicas de aprendizados se tornam contínuas em relação a práticas de cura. Também destaco que o processo de aprendizagem e de iniciação entre os(as) interlocutores(as) se assemelham e formam uma teia de relações que envolvem sintomas no corpo com manifestação das entidades, força ancestral e inspiração dos mais velhos. Assim como a *gira*, que mexe com nossos corpos e não tem fim, apenas é encostada e fica à espreita para um próximo começo, o processo de ensino aprendizagem entre curandeiro(a)s e benzedeira(a)s é como um ciclo que vai sendo repassado entre as gerações e envolve corpo e ancestralidade.

Palavras-chave: Transmissão de saberes. Práticas de cura. Benzimento. Religiões de Matriz Africana. Amazônia.

ABSTRACT

In the Amazon we have an expressive number of healers, faith healers, handlers, shamans, midwives, fathers and mothers of saints, who are very important personalities for those who seek spiritual help. Healers and healers are recognized for the work with medicinal herbs and prayers that were passed on to them during their process of initiating healing practices. This dynamic of transfers takes place through the enchanted caboclos, by people close to them or revelations. Therefore, this Course Conclusion Work aimed to carry out an analysis of the dynamics of healing practices and learning through the hands of healers of African origin religion, in the city of Monte Alegre-PA and to understand how these practices occur in the lives of people who are starting this activity, especially as the older ones are thinking about the interest of the younger ones. In addition to talking about how the process of transmission of knowledge takes place with those who are starting in the field of healing and blessing. The methodology developed was to carry out oral history and ethnography with the research interlocutors, who are references in the field of healing and blessing in the city of Monte Alegre, being Maria Guiomar, Lindalva Borges, Ubiraci Pinon, Pai Jackson Valente, Maria da Conceição and Little Father Kisse Leivas. It is, therefore, a work on the dynamic processes of sharing the know-how of healers and healers. and ancestors. As a result, I noticed a strong performance of the younger ones who are in a constant learning process, as relationships are established with the older ones, the learning dynamics become continuous in relation to healing practices. I also emphasize that the process of learning and initiation between the interlocutors are similar and form a web of relationships that involve symptoms in the body with the manifestation of entities, ancestral strength and inspiration from the elders. Just like the gira, which messes with our bodies and has no end, it is just pulled over and is on the lookout for the next beginning, the teaching-learning process between healers and faith healers is like a cycle that is being passed on between generations and involves body and ancestry.

Keywords: Transmission of knowledge. Healing practices. blessing. African Matrix Religions. Amazon.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1– Curandeira, benzedeira, puxadeira e matriarca do terreiro Ilê Asé Oya Dinan, Mãe Guiomar.....	29
Figura 2– Filhas de santo com suas filhas no terreiro Ilê Asé Oyá Dinan	35
Figura 3– Pai Bira em sua residência	36
Figura 4 – Pai Bira com suas vestes de desenvolvimento de gira	39
Figura 5– Pai Bira ao lado de seu altar	40
Figura 6 – Conversa com Pai Bira, depois de uma roda de caboclo	41
Figura 7– Pai Bira segurando a espada do Caboclo Zé Raimundo	43
Figura 8 – Mãe Lindalva na gravação do documentário de 30 anos do Ilê Asé Oyá Dinan em 2018	44
Figura 9 – Mãe Lindalva em trabalho de cura, puxando a costa para aliviar dores na coluna. Impossível não observar a atenção de sua neta no processo de cura.....	47
Figura 10– Mariah mostrando como sua avó faz no processo de cura.....	48
Figura 11 – Pai Jackson e Mãe Mariazinha no toque festivo em homenagem aos 21 anos da Pomba Gira Maria Padilha	52
Figura 12 – Pai Pequeno do Ilê Asé Oyá Dinan discursando na primeira caminhada contra a intolerância religiosa do município de Monte Alegre	55

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO	13
1.1 Os primeiros passos	13
1.2 Harmonização do sagrado e do “acadêmico”: abrindo os trabalhos por meio de cantos e defumação	16
1.3 Voz que em sussurro reza, voz que benze e ensina os seus	19
1.4 Processos de curas e benzimentos na Amazônia: Pajelança Cabocla	21
1.5 Monte Alegre: A gira da pesquisa	24
CAPÍTULO 2: DINÂMICA DE QUEM DOMINA A GIRA ANCESTRAL NA CIDADE DE MONTE ALEGRE	27
2.1 Maria Guiomar Valente: Ô juremê, ô juremá, suas folhas caiu serena, ô jurema, dentro deste gongá.	29
2.2 Mulheres de terreiro: protagonismo, luta e resistência ancestral	33
2.3 Pai Ubiraci Pinon: “Quem está dentro não queira sair, quem está lá fora não queira entrar”	36
2.4 Pai Bira: “nunca duvide dos encantados”	37
2.5 Lindalva Nascimento Borges	44
2.6 Sabedoria, família e afeto	47
CAPÍTULO 3: LEGADO, RESISTÊNCIA E CONTINUIDADE DOS MAIS JOVENS .	51
3.1 Pai Jackson e Mãe Mariazinha: lideranças de terreiro.....	52
3.2 Pai Kisse Leivas Valente.....	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
REFERÊNCIAS	65

APRESENTAÇÃO

Nasci em Monte Alegre – PA, na tarde de 14 de julho de 1995. Pertencço a uma família quilombola, do quilombo de Peafú, sou Belliny Marrone Valente, filho de Maria de Nazaré Valente, mãe de sete filhos, empregada doméstica, que tem um dizer que me motiva a seguir lutando por meus objetivos: *“Todos os dias eu durmo tranquila, pois tenho filhos maravilhosos, graças a Deus”*. Eu fui seu primeiro filho a entrar na universidade, e para abrir essa porta do universo acadêmico trilhei um longo caminho.

Então, me criei na comunidade Quilombola Peafú e sempre estudei em instituições de Ensino Público, e nesse processo de formação tive muitas dificuldades de aprendizagem, pois estudei, inicialmente, na comunidade (onde temos uma infraestrutura precária), e quando passei a estudar na zona urbana, o problema foi com transporte escolar, entre outras dificuldades que atrasaram o processo de ensino, mas continuei focado nos estudos e nos ensinamentos de minha mãe.

Meu Ensino Médio foi na escola Francisco Nobre de Almeida, um espaço educacional que me proporcionou grandes ensinamentos, com profissionais da educação excepcionais, que em todas as suas atividades colocavam em questão a importância da universidade. Na tentativa de uma vaga na universidade, não obtive nota suficiente para entrar através do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Mas no ano de 2015, a Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA) destinou vagas para quilombolas, através do Processo Seletivo Especial Quilombola – PSEQ, assim amparada pela LEI N° 12.711, DE 29 DE AGOSTO DE 2012 (Edital PSEQ, 2019). Diante dessa conquista, fiz minha inscrição e selecionei dois cursos, o primeiro, Bacharelado em Direito, o qual sempre almejei cursar, e o segundo, Bacharelado em Antropologia, que não foi uma escolha aleatória, pois sempre gostei das disciplinas de Sociologia, História e Filosofia.

Como citei nos agradecimentos a professora Fabíola Pinheiro foi muito importante para o meu acesso à universidade, pois era a primeira vez que o PSEQ iria acontecer, e ela se deslocou até o quilombo para informar à comunidade sobre o processo seletivo. Fabíola me ajudou a escolher o curso, pois ela tem um contato com a universidade e me explicou muitas coisas sobre o curso de Antropologia, fiquei encantando por ter trabalhos de campo, pesquisa, etnografia, entre outras. Ao pesquisar mais a fundo, percebi que

Antropologia dialoga com todas essas disciplinas e é uma ferramenta importante para dar retorno ao meu quilombo.

Fui aprovado no curso de Antropologia e a partir desse momento comecei a trilhar um novo caminho e ter dolorosas escolhas, assim como, sair da minha comunidade, do aconchego dos meus e ter que estudar em Santarém-Pará, cidade vizinha. Ingressar na universidade foi uma conquista muito importante, sobretudo para o Movimento Quilombola, pois se trata de uma luta histórica do movimento em diálogos com as instituições.

Ocupar esse espaço faz parte de um longo processo de resistência e luta por igualdade. Sempre que dialogamos sobre nosso acesso e permanência na universidade colocamos em pauta a importância de um retorno para a nossa comunidade, e reforço que isso me motivou na escolha de estudar Antropologia, com o objetivo de aprofundamento sobre nossa dinâmica cultural, identidade e ancestralidade.

Para mim, e com a certeza que, para todos os alunos quilombolas de 2015, ingressar na universidade foi muito emocionante e impactante, pois foi a primeira vez que quilombolas de várias comunidades do oeste do Pará entravam na universidade, através do Processo Seletivo Especial Quilombola – PSEQ. Sendo assim, tínhamos a missão de nos articularmos para garantir nossa permanência, e neste processo de ingresso, surgiu a necessidade de criarmos um coletivo. E assim, fundou-se o Coletivo de Estudantes Quilombolas – CEQ, no dia 02 de maio de 2015, no município de Santarém, em uma reunião dos estudantes quilombolas, na Federação das Organizações Quilombolas de Santarém – FOQS, tendo sua primeira coordenadora, Beatriz Oliveira de Jesus, e como colaboradores, Rosimar de Jesus Santos, Jaime Mota, Iris Rosane, Heloína Santos e Lucas dos Santos.

O objetivo principal do coletivo é ser uma representação estudantil dos Quilombolas dentro da universidade, fazendo ponte entre a universidade e as comunidades quilombolas, e assim, promover políticas públicas e assistência estudantil para os estudantes dentro da UFOPA. O CEQ segue firme em seus objetivos iniciais, com o apoio de sua coordenação atual, representados por Aline Lemos e por mim, com dedicação importantíssima para garantir a permanência dos estudantes quilombolas na universidade e com a finalidade de minimizar as desigualdades étnico-raciais e colaborar com a permanência dos estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica.

Minha relação com a pesquisa é muito conectada com minhas vivências e autore(a)s negro(a)s são cruciais para este estudo. Assim como a *defumação*, me energizei

de suas obras para direcionar o caminho da *gira* da pesquisa. Seguindo esta linha de pensamento, busquei me conectar com autores que me proporcionam, não apenas conexão, mas representatividade no campo antropológico.

Essa minha apresentação é de muito orgulho e emoção, por ser o primeiro estudante quilombola a submeter trabalho de conclusão de curso, do curso de Antropologia na UFOPA, e por ter como objetivo de estudo as dinâmicas de aprendizagens nas práticas de cura e benzimento, essas dinâmicas que giram entre terreiro, quilombo e Monte Alegre - PA.

Pretendo realizar uma homenagem através deste trabalho de conclusão de curso para esses senhores e senhoras curandeiro(a)s e benzedeiro(a)s do município de Monte Alegre. Não apenas por serem colaboradores de pesquisa, mas por sua representatividade e legado, e é uma honra ter a oportunidade de homenageá-los. Neste sentido, considero de suma importância enfatizar um pouco da trajetória que nossos mais velhos trilharam ajudando pessoas através de seus dons de cura, e os mais jovens que estão dando continuidade. Essa sabedoria ancestral transmitida pelos mestres do saber, são provenientes da espiritualidade preta africana e afro-brasileira, as quais se mantêm vivas através destas práticas dos mais velhos além de servir de inspirações para nós e para a próxima geração. Eles fortalecem a resistência da juventude que se dedica ao espiritual, e é nesta perspectiva que abordaremos a importância dos nossos mais velhos, e assim motivar os mais novos que estão nos primeiros passos da religiosidade. A homenagem vai ser presencial no Ilê Asé Oyá Dinan, na cidade de Monte Alegre, com uma apresentação da minha monografia e um quadro com o nome e fotografia de minha avó e Pai Bira, para colocar como um memorial no terreiro.

CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO

1.1 Os primeiros passos

De maneira natural e gradual, a religiosidade sempre esteve presente em minha vida. Em minha caminhada acadêmica transitei por encruzilhadas fantásticas de conhecimentos, e com discussões importantes sobre muitas religiões e formas de manifestação e resistência de cada uma. Deste modo, me enchi de *asè* para dar início a este estudo sobre benzedeiro(a)s e curandeiro(a)s, já que o curso de Antropologia me proporcionou novos olhares e possibilidades de estudos de campo.

Minha avó é católica, devota de Santa Rita de Cássia (a Santa das causas impossíveis), padroeira do Quilombo Peafú (município de Monte Alegre-PA), e desde criança sempre acompanhei minha avó nas missas da comunidade. Minha família tem uma ligação muito forte com a igreja, e também grande parte é adepta ao culto de religião de matriz africana, que iniciou com minha bisavó Maria Juvita, uma das matriarcas do quilombo Peafú, tendo seu legado religioso continuado por muitos membros da nossa família.

Foi nesse espaço, distante do centro urbano, que me criei vivenciando essas relações e manifestações de fé. Assim, fui crescendo ao lado de senhores e senhoras que benziam cotidianamente. Uma importante benzedeira e minha grande inspiração de vida, minha avó Maria Guiomar Valente é uma das interlocutoras desta pesquisa. Minha avó plantou muitas sementes em sua trajetória, exemplo disso é seu filho mais novo Jackson Jorge Valente, que é zelador de santo (*pai de santo*) conhecido como Pai Jackson ou Babà Toy Voduno Jackson Ty Oyá Dinan. Pai jackson é quilombola (atual presidente da Associação Remanescente Quilombola de Peafú), iniciou seu desenvolvimento mediúnico com 11 anos de idade, aos 13 anos fundou sua própria *mesa de atendimento*, pouco tempo depois fundou seu terreiro, no quintal da casa de sua mãe. Hoje aos 44 anos é sacerdote do Ilê Asé Oyá Dinan. Minha família continua dando continuidade aos passos iniciados por minha bisavó, passando por minha avó, Pai Jackson, Pai Kisse (meu irmão), eu, entre outros. Minha avó Guiomar, meu *pai de santo* Pai Jackson, e meu irmão Pai Kisse, são uns dos interlocutores da pesquisa.

O município de Monte Alegre, localizado no estado do Pará, é muito conhecido na região por suas pinturas rupestres, por possuir territórios quilombolas e terras dos indígenas pinta cuias. A cidade é de altos e baixos, com lindas garças enfeitando

paisagens aos finais de tarde. Da fonte da cidade baixa que, mesmo com a urbanização nunca secaram, os bosques feliz-altaneiros, das águas sulfurosas e banhadas pelos Rios Gurupatuba e Amazonas, repletas de histórias, mistérios e encantarias. E se tem alguém capaz de discorrer sobre as vivências deste município, esse alguém é o nosso povo montealegrense, e seguindo a perspectiva da minha pesquisa, os mais velhos ligados à religião afro-brasileira, os benzedeiros e curandeiros que carregam em sua trajetória essas narrativas deste município amazônico.

Sempre falo para meus colegas que perguntam sobre ser de uma religião de matriz africana, que é de muita potência e me faz bem, pois a força dos meus caboclos e orixás é algo que me sustenta e me mantém conectado com meus ancestrais, sou médium e desenvolvi minha mediunidade aos 14 anos. E a partir dessas percepções e envolvimento direto com terreiro de umbanda, que surgiu a inspiração para entender essas dinâmicas de repasses de saberes dos curandeiro(a)s e benzedeiro(a)s e construir narrativas através das percepções, vivências e ancestralidade desses agentes tão importantes que atuam nos cuidados da saúde física, mental e espiritual, sobretudo para os mais novos que estão dando seus primeiros passos no ramo da cura, benzeção e no processo de inicialização em religiões de matriz africana.

A Amazônia tem uma quantidade expressiva de curandeiro(a)s e benzedeiro(a)s. Nossa região é riquíssima desses senhores e senhoras com o dom da cura. Essas práticas são manifestadas por diferentes categorias de zelador(a)s responsáveis pelo exercício desta atividade, tais como, puxadores, pajés, parteiras, espíritas, pais de santo e mães de santo, entre outros.

Os benzedeiros(a)s adeptos às religiões afro-brasileiras são responsáveis por entregar suas energias a quem precisa, levando com fé a cura a quem precisa, através das orações, dos *pontos*, das ervas e das forças dos encantados.

Neste sentido, nesta pesquisa me debruço sobre os saberes, vivências e ancestralidade do(a)s benzedeiro(a)s e curandeiro(a)s do município de Monte Alegre (PA) e na dinâmica de aprendizados e continuidade nas práticas de curas que esses senhores e senhoras realizam quase que diariamente.

É importante salientar que esta pesquisa tem um foco no(a)s benzedeiro(a)s e curandeiro(a)s que tem ligação direta com os terreiros de umbanda do município de Monte Alegre. As práticas de cura e benzeção são realizadas por esse(a)s senhora(a)s através de seus encantados, manifestando-se desde a infância, como veremos nas conversas com os interlocutores desta pesquisa, que relatam suas formas de

aprendizagens e repasses dos dons de curar e sobre a benzeção, sempre com o mesmo objetivo, ajudar o próximo.

Os(as) benzedeiros(a)s e curandeiro(a)s estão em constante alinhamento com a religiosidade. Denise Botelho e Wanderson Flor do Nascimento (2010) destacam que os candomblés serviram e servem para a preservação da cultura africana. Em suas pesquisas, o foco é o candomblé, como herança ancestral, mas seus estudos e reflexões permeiam em todas as raízes da religiosidade de matriz africana. Os autores colocam que a religiosidade africana do Brasil é uma ‘resignificação’ dos cultos praticados em solos africanos.

Neste sentido, minha sensibilidade para observar as dinâmicas do(a)s benzedeiro(a)s e curandeiro(a)s vem do meu lugar, do meu espaço, construído através dos mais velhos que ‘resignificaram’ e resistiram, mesmo com os impactos da escravidão e da colonização. Os estudos antropológicos foram importantes para minha formação, mas foi hegemônica a presença de autores europeus. Não desmereço as obras dos clássicos e suas contribuições, mas sempre senti a necessidade de uma antropologia mais plural que me representasse.

Seguindo esta linha de pesquisa, me conecto com a incrível intelectual, filósofa, antropóloga, professora, escritora, militante do movimento negro e feminista, Lélia de Almeida Gonzalez. GONZALEZ (1988) nos trouxe o conceito de amefricanidade, que trata sobre nossa ancestralidade ameríndia e africana. Retomar esse conceito é retomar uma luta de narrativas, uma luta de ancestralidade, retomar os espaços que nos foi negado durante séculos, e diante desta disputa de narrativas, fazemos nossos corpos políticos ocuparem esses espaços. Portanto, Lélia Gonzalez traz uma proposta epistemológica, pois, seguindo a perspectiva de amefricanidade, propõe uma abordagem interligada do “racismo, colonialismo, imperialismo e seus efeitos.”

Ao falar sobre corpos, enquanto arma de luta política, lembro-me de minha professora de “Relações Etnico-Raciais”, Carla Ramos Muzanzu, PhD em Estudos Africanos e da Diáspora Africana, professora adjunta do departamento de antropologia da UFOPA e intelectual negra, que me proporcionou e despertou novos olhares sobre a antropologia, através de suas aulas com uma gama de referências de intelectuais negras(os).

Desta forma, ao vivenciar as dinâmicas de práticas de curas de minha avó Maria Guiomar, inspirei-me a elaborar essa pesquisa, tendo em vista a viabilidade de sua continuidade, que perpassa de forma ancestral. A pesquisa tem por foco, portanto,

representar os saberes, vivências e ancestralidade do(a) curandeiro(a)s e benzedeiro(a)s de Monte Alegre-PA.

Como um incentivo aos que querem ou estão pesquisando sobre religiosidade e suas dinâmicas, ratifico a importância da pesquisa, e que possa incentivar outros estudantes a explorar mais o tema sobre curandeiro(a)s e benzedeiro(a)s de terreiro, assim como os demais temas ligados à religiosidade afro-brasileira.

No intuito de valorizar e agradecer a contribuição dos interlocutores que trazem consigo toda essa ancestralidade, saberes e vivências, dialogamos e aprendemos com ele(a)s o processo de aprendizado nas práticas de cura e benzimento.

No primeiro capítulo, aqui exposto, introduzo brevemente a temática da pesquisa e apresento os objetivos e as justificativas, portanto Monte Alegre como *locus*, tendo em vista a proposição de que a cidade possui forte relação com as encantarias. Os subtópicos giram em torno da importância da harmonização da defumação, musicalidade e processos de cura e benzeção nos terreiros de umbanda.

No segundo capítulo trago relatos de importantes lideranças espirituais de Monte Alegre, minha avó Maria Guiomar, Pai Bira e Lindalva Borges, minha irmã de santo (considerada uma matriarca do Ylè Asè Oyá Dinan, por isso a chamo de Mãe Lindalva). Esses diálogos com esses mestres(as) do saber é fundamental para o desenvolvimento deste trabalho, os valores vivenciados e estabelecidos por eles é o que os norteia neste processo dinâmico de compartilhamento de conhecimento. Contextualizo como esse(a)s mestre(a)s se iniciaram em suas atividades de cura, o reconhecimento e estímulo de sua mediunidade pelas lideranças afro-religiosas, e a dinâmica de transmissão de saberes aos mais novos.

No terceiro os diálogos acontecem com representantes espirituais mais novos de Monte Alegre, onde discuto sobre os processos de continuidade da dinâmica de benzimento e cura, propondo uma reflexão sobre os processos de aprendizagem com os mais velhos. Por fim, no quarto capítulo apresento as considerações finais deste estudo e a ponto direcionamentos para continuidade da pesquisa.

1.2 Harmonização do sagrado e do “acadêmico”: abrindo os trabalhos por meio de cantos e defumação

PONTO DE DEFUMAÇÃO

Defuma com as ervas da Jurema

Defuma com arruda e guiné

Defuma com as ervas da Jurema

Defuma com arruda e guiné

Benjoim, Alecrim e Alfazema

Vamos defumar filhos de fé (...).

Esses versos representam um dos pontos cantados no início das sessões de *desenvolvimento de médiuns* dos terreiros. Devido a relevante função nas práticas das religiões afro-brasileiras, teremos muitos *pontos* ao decorrer de minha pesquisa. Esse primeiro *ponto* “abre” de maneira expressiva e harmônica o meu texto acadêmico. Os *pontos* são indispensáveis, pois quando se inicia uma *gira de caboclos* e começa o desenvolvimento, a casa é defumada com ervas, tais como, alecrim, alfazema, arruda, canela, e temos defumação com a mistura de várias ervas que purificam o ambiente. Com a queima das ervas, num recipiente com carvão em brasa, ocorre a harmonização do terreiro para o momento de intimidade dos médiuns com suas entidades. E nos terreiros, quem anuncia o *início da gira* são os *pontos*, juntamente com o troar dos tambores, dos instrumentos musicais, fazendo a música um pilar fundamental para *abertura da gira*, compreendida por Seeger (1991).

[...] A música não é apenas reflexiva, mas também gerativa, tanto como sistema cultural quanto como capacidade humana. Uma importante tarefa da musicologia é descobrir como as pessoas produzem sentido da “música”, numa variedade de situações sociais e em diferentes contextos culturais, distinguindo entre as capacidades humanas inatas utilizadas pelos indivíduos nesse processo e as convenções sociais que guiam suas ações (SEEGER 1991, p. 201).

Nesse sentido, a musicalidade de terreiro é representada por *pontos* e acompanhada por batuques/troar dos tambores. Para BATISTA (2018, p. 9):

A música proveniente dos tambores rituais, considerada também como conteúdo de um conhecimento a ser transmitido aos iniciados no culto dos orixás, tanto no Brasil quanto em Cuba, expõe grande complexidade, riqueza semântica e poder de recriar a presença do mágico e do sagrado. Neste sentido, essa música ritual também presentifica o divino ao provocar e preparar os corpos para a possessão. A música determina a atmosfera ritual, o clímax do balé sagrado dos orixás e o sucesso das oferendas nos rituais litúrgicos de origem africana”.

Portanto, a música é uma dinâmica do benzimento e cura, a música chama os encantados, mas também os leva, conta histórias das trajetórias dos guias(caboclos encantados) e tem os tambores como ferramenta da ancestralidade africana. Pensando na importância dos *pontos*, perguntei para meu pai-de-santo Jackson Ty Oyá, sobre a defumação na abertura de *gira*, e ele explicou:

Filho, a defumação é um ponto de harmonização, purificação e limpeza da casa, para os caboclos se sentirem melhor. Ou seja, limpeza do ambiente, das energias ruins e até mesmo se alguém vier para o terreiro com pensamentos negativos, com certeza a defumação vai limpar, ela atrai coisas boas e traz o equilíbrio para as pessoas. Tudo isso só é possível por causa da queima de ervas, pela força das matas! (Pai Jackson de Oyá, Monte Alegre, 2021).

Este *ponto* de defumação do início do tópico mexe diretamente com o meu espiritual, minha avó recebe a Cabocla Jurema, uma das entidades chefes da linhagem dos caboclos das matas, quando a Jurema *desce na coroa* da minha avó e canta: “*Eu sou Jurema, Jurema que não tem medo, eu estava dormindo embaixo de um arvoredor*”, é impressionante como o terreiro todo estremece e os médiuns incorporam. Dos mais velhos aos mais novos, todos sentem a força que Jurema emana.

Lembro que em novembro de 2006 fui morar em Manaus - AM, e como eu estava muito acostumado com minha avó e meu tio Pai Jackson incorporando, foi uma viagem muito triste, eu cantava os *pontos* das entidades que eles recebiam e sentia um aperto no peito, pois sempre gostei dos caboclos, dos *pontos*, da *gira*. Na realidade, sempre foi muito satisfatório ficar perto e observar minha avó benzendo, sou muito nostálgico de quando ela ia realizar suas práticas de cura em crianças, e eu, meus irmãos e primos corríamos num pé de goiabeira que ficava no quintal de casa, nosso objetivo era encontrar o ramo mais novo da árvore, e a vovó, para não desapontar ninguém usava os três ramos de folhas de goiabeira que havíamos colhido.

Em conversa com minha avó perguntei sobre a serventia do ramo de goiabeira, e ela elucidou:

Filho o raminho tem que ser recém nascido, igual a criança que vou benzer. A folha da goiabeira serve para diarreia, e junto com a reza ajuda melhorar e espantar mal olhado, por isso uso para tratar as crianças que estão com quebranto. O quebranto funciona assim, a pessoa se admira da criança e passa mal olhado, e o bebê fica com o cocô verde (Maria Guiomar, em nossa sagrada conversa da tarde, Monte Alegre, 2019).

Com essas lindas referências de vivências, que começou os meus primeiros entendimentos sobre pertencer a uma família quilombola, sendo que muitos dos meus familiares são médiuns e há um espaço em minha própria casa dedicado aos *guias*. Grande

parte da minha família é adepta à religião Afro-brasileira e nossa principal inspiração para manter nossa religião firme é minha avó Guiomar. Digo isso, pois em Monte Alegre temos muitos terreiros, porém, poucos com sessões de desenvolvimento de médiuns. Minha avó, por muito tempo trabalhou sem as *giras de desenvolvimento*, ela só recebia seus caboclos para trabalhar com linha de cura: rezar em crianças com quebranto, curar pessoas com *eguns*¹ e problemas em relacionamento, judiciais, alcoolismo, dentre outros.

Lima (2016) descreve que a cura é integrada ao modo cultural de uma determinada sociedade, onde a saúde de uma sociedade está ligada a muitos fatores, seja individual ou coletivo. Ele afirma que os principais fatores sociais que implicam na saúde, e isto tem reflexos na necessidade de busca a cura, são: violência, desemprego, falta de saneamento básico, fome, dentre outros fatores. (LIMA, 2016)

O processo de cura também é algo que mexe com nosso psicológico e com nossas emoções, também funciona como uma forma de rever a vida, e as atitudes que tomamos ao longo dela. Uma infinita reflexão que faz com que nós tenhamos o desejo de corrigir certos atos, de querer ser um ser melhor, e nesse sentido o indivíduo se agregar alguma religião e começa a seguir alguma doutrina influenciando no nosso campo ético e moral. (LIMA, 2016, p.31)

A prática de harmonização através da defumação é sobretudo uma limpeza espiritual, um processo de cura, e minha avó ajudou e ajuda muitas pessoas com seus atos de cura. Iniciei este tópico com “harmonização do sagrado e do acadêmico” partindo da perspectiva de que escrever sobre as vivências de benzedeiro(a)s e curandeiro(a)s requer uma dedicação e envolvimento do acadêmico com o sagrado.

1.3 Voz que em sussurro reza, voz que benze e ensina os seus

O ato de benzer, rezar e curar tem interlocução direta com as divindades, muitas pessoas recorrem a essas forças espirituais em busca da cura. Como descrito acima a defumação é de suma importância e vem acompanhada da voz, essas vozes se apresentam de muitas formas, e com as vivências ao lado de minha avó Guiomar me fizeram perceber a grandiosidade de seus dons.

Quando eu era criança me sentava em qualquer lugar que ficasse o mais próximo possível do local que minha avó se preparava para benzer alguém, minha atenção sempre muito atenta em seus movimentos, nos detalhes dos preparos da benzeção, como já

¹ Nas religiões de matriz africana, *eguns* se referem aos espíritos de indivíduos já falecidos. Esses espíritos pertencem a pessoas oprimidas e marginalizadas socialmente.

mencionada a ajuda que eu dava na busca do ramo de goiabeira que ela pedia para apanhar. Outra coisa que me deixava bem atento era o movimento dos seus lábios, pois era impossível entender suas palavras nitidamente, ouvia os suaves sussurros de suas preces.

As vozes dos nossos mais velhos ecoam conhecimento, pairam no ar com a dinastia de um poder ancestral dos quilombos, das aldeias indígenas, de mulheres e homens que lutaram e lutam em uma envolvente dinâmica de repasses e resistência de saberes. Entendido por Melo (2015) como:

No âmbito das culturas orais, podem-se entender a memória e a voz como processos que ocorrem simultaneamente nos membros de uma comunidade. Esclareça-se que, na medida em que o sujeito rememora as tradições repassadas pelos mais velhos e o que ele mesmo já apreendeu no seio daquela cultura, ele faz uso de uma memorização, juntamente a uma memória-hábito, que o insinua nas técnicas da aquisição de um acervo de uma memória cultural. Isto é evidente quando os babalorixás, as ialorixás, a iabassé e as iaôs (filhos-de-santo) afirmam que reproduzem os gestos do fazer as comidas dos orixás da mesma forma que aprenderam com aquele (a) que lhes ensinou as receitas. A performance desses fazeres é o que revela a memória expressada na voz. Cada receita guarda memórias: tanto do orixá a que ela pertence quanto da pessoa que a faz; bem como da tradição do terreiro e dos mitos que a fundamentam. (MELO, 2014, p.104)

Para Melo (2014) a oralidade contém uma sequência de saberes populares, míticos, místicos e religiosos. É por meio destas manifestações orais que se constroem discursos autônomos e que tem seguimento dos mais velhos, mantendo a cultura oral viva, já que ela se conecta a uma existência coletiva. É nessa via de conhecimento que os curandeiro(a)s e benzedeiro(a)s mantêm os saberes conectados, nesta sequência que os nossos mais velhos repassam seus ensinamentos. Ao final da citação Melo (2014) coloca sobre os gestos de fazer comida², e é algo muito frequente no terreiro Ilê Asé Oyá Dinan, é onde surgem muitas conversas e ensinamentos pois os filhos(as) mais velhos do terreiro ensinam aos mais novos as formas de preparar o prato de comida dos orixás. Neste processo de escuta vamos fortalecendo os ensinamentos dos nossos.

² Para mais detalhes sobre alimentação de Terreiros no Oeste do Pará ver o trabalho de Leitão-Barboza e colaboradores (2021b).

Essas vozes de matrizes africanas é uma forma de resgate, é por isso que as vozes de terreiro ecoam e busca visibilidade para as muitas vozes que por muito tempo foram invisibilizadas. Minha avó sempre nos ensinou algo muito pertinente, que é o lado cultural, social, o lado de atendimento psicossocial e ela sempre fala que é mãe de filhos de muitas mães. Ou seja, os mestres e mestras do saber estão interligados com a comunidade, durante minha jornada de pesquisa foi possível refletir sobre a proporção dos benefícios que esses senhores e senhoras representam na cidade de Monte Alegre.

1.4 Processos de curas e benzimentos na Amazônia: Pajelança Cabocla

Algumas práticas populares de cura são muitas vezes associadas à feitiçaria, termo particularmente visto por mim como ofensivo para se indicar práticas de determinada religião. Feitiços são considerados, no uso popular, práticas de fazer o mal, o que remete à falas fortes de intolerância religiosa. Pessoas que não conhecem a religião de matriz africana reproduzem falas preconceituosas que perpetuam desde o colonialismo, onde colonizadores viam como ameaças à manifestação de outras crenças, e viam como blasfêmia acreditar que houvesse outra maneira de manifestar o dom de cura, a fé e qualquer forma de expressão religiosa que não tivesse ligação com o cristianismo.

Uma referência muito importante que trabalha nessa área de conhecimento e que tive a honra de ter como meu professor, é o Florêncio Almeida Vaz Filho, indígena do povo Maytapu, da comunidade de Pinhel, no rio Tapajós, graduado em Ciências Sociais pela Universidade do Rio de Janeiro (UFRJ), professor no Programa de Antropologia e Arqueologia na UFOPA. Em “Pajés benzedores, puxadores e parteiras: Os imprescindíveis sacerdotes do povo amazônico”, o autor aborda sobre o processo de aprendizagem dos benzedores, a partir da perspectiva dos povos indígenas. Segundo FLORÊNCIO (2016) “(...) *benzedores* não falaram que aprenderam treinando, mas sim, que receberam, por inspiração direta ou em sonho, orações, cânticos, receitas de remédios e instruções do que deveriam fazer (...)” (p. 21).

Fazendo uma analogia com o processo de aprendizagem dos interlocutores desta pesquisa, temos uma relação próxima com o que o autor coloca sobre os benzedores, puxadores e parteiras. A exemplo disso, algo muito interessante foi o relato do Pai Bira, quando lhe questionei sobre como ele aprendeu as rezas de suas práticas de cura:

Se eu te falar que eu não lembro nenhuma tu vai rir de mim. Eu não sei nenhuma de cabeça, quando eles arriam, eles trazem e rezam. Quem mais traz, em sonhos, ou quando desce em mim, é a Cabocla Jarina ou seu Zé Raimundo.

Eu fico intrigado, às vezes tenho sonhos, e quando dou fé, já estou com aquilo na cabeça, aí vou lá e faço (Pai Bira, Monte Alegre, 2021).

Ou seja, Pai Bira aprendeu através dos encantados e de sonhos. Vamos entender suas dinâmicas de repasses no segundo capítulo, onde Pai Bira começa nos contando que aprendeu muito com seu avô, porém, ele contou que era difícil aprender de forma direta, já que as rezas eram faladas bem baixinho e que dificilmente os mais velhos paravam para ensinar, Pai Bira enfatiza que não por desinteresse de ambas partes, é que no processo de cura requer muita concentração. Um fato interessante é que nos diálogos com Pai Bira e minha avó Guio, sempre enfatizam que a incorporação era mais resguardada, mas sempre foi muito necessária nas práticas de cura e benzimento. Os pajés praticam e utilizam das mesmas ferramentas para pôr em prática seu dom, mas não necessariamente incorporam, fato que é abordado por Florêncio (2016):

Benzedores têm o dom da cura, como os pajés, e no interior da Amazônia eles conhecem bem a ação dos encantados, mas seu trabalho é com oração ou reza, sem incorporação. Benzedores são procurados para resolver problemas como: quebranto, mau olhado, panema rasgadura, espinhela caída, ezipla (erisipela), assombrado, manifestação de espírito mau etc. Os casos mais exigentes ou pesados, eles encaminham para os curadores ou para os médicos. Mesmo que não atuem com a incorporação de encantados, que peçam ajuda explícita aos santos católicos e rezem o pai-nosso e a ave-maria, sobre os benzedores e benzedoras paira sempre uma suspeita de que sejam, de alguma forma, ligados à feitiçaria e às artes diabólicas. Mormente na visão de cristãos de linha neopentecostal (VAZ FILHO, 2016).

Uma pessoa incrível que tenho a honra de conhecer é o Paulinho Borari, que é pajé e trabalha com incorporação dos encantados de religião de matriz africana, esse dom que difere o Pajé Paulinho dos demais Pajés da Amazônia conforme a citação, é devido suas experiências individuais com os caboclos encantados.

Paulinho é Pajé, Indígena Borari, Cantor e Antropólogo, uma referência por sua resistência, persistência e combate à intolerância religiosa em Santarém-PA, . O Pajé Paulinho, em sua monografia, relata sobre suas experiências no processo de cura e benzimento:

“[...] durante o tempo em que trabalho como curador, recebo em minha casa muitas pessoas com situações diversas, as quais confiam que eu possa resolver, é preciso que meu corpo físico esteja bem para atender essas pessoas, ou, fazer as defumações com cigarro de Tauari, pois, quem dá o passe absorve parte das energias de seus consulentes, é preciso cuidar da saúde e agradar os guias para que possam trazer a força nos momentos de atendimento, ou em outros trabalhos mais complexos. Ser curador não quer dizer que não se pode adoecer ou passar por dificuldades como as outras pessoas, o pajé também deve se cuidar, descarregar de seu corpo as energias doentes e perturbações, e quando o pajé tem o dom da incorporação é importante que seus espíritos venham para

dar força espiritual e física ao seu receptor, como para visitar seus filhos, mantendo contato com as pessoas (Paulo Victor, 2021)

São muito interessantes os aspectos que o Pajé Paulinho trás para seu processo de cura, os cuidados com o corpo e a mente, através da defumação ele harmoniza suas energias. Em seu trabalho ele aborda sobre sua conexão com os encantos da umbanda, as rezas do catolicismo e a pajelança, o que se caracteriza vários processos em suas práticas de cura, entendidas por ele como:

A pajelança faz relação com aspectos do catolicismo e da umbanda. Eu como indígena e pajé, vejo essas relações como atualizações, que vão surgindo conforme outras práticas se estabelecem. O catolicismo imposto no passado deixou marcas e rezas, as quais faço como pajé. Aspectos vindo de religiões de matriz africana também podem ser absorvidas e apropriadas pela pajelança (Paulo Victor Borari, 2021)

Para MAUÉS (1994, p. 5) “A pajelança cabocla se fundamenta na crença nos "encantados", seres invisíveis que se apresentam durante os rituais incorporados no "pajé" (isto é, o xamã), que é a figura central da sessão de cura” na obra “Medicinas populares e "pajelança cabocla" na Amazônia”.

BOTELHO (2010, p. 80), no que tange ao processo de aprendizagem, diz que “como nas antigas aldeias africanas, toda a aprendizagem se dá pela oralidade; o conhecimento é passado pelos mais velhos aos mais novos”. Fantástico como a ancestralidade é a base que mantém e possibilita este processo de cura e benzeção, que fortalece a transmissão do saber. A exemplo disso, a autora delinea sobre educação religiosa a partir do candomblé:

De forma geral, os candomblés possibilitam aos seus participantes e, em especial, aos afrodescendentes, leituras do mundo, relações humanas harmoniosas e convivência igualitária, onde todos podem viver com autoconfiança, dignidade e respeito. A educação religiosa dos candomblés retrata a educação tradicional africana para a vida. Da infância à velhice, todas as pessoas são tratadas igualmente e todas têm direito de ser educadas. (BOTELHO, 2010. p 80).

Sobre essa perspectiva da educação religiosa, trago os ensinamentos de Pai Bira. Quando questionei sobre os mais novos, ele enfatiza muito sobre a prática de cura:

É um compromisso com a religião e com os guias, temos que seguir firmes. É assim que funciona na umbanda, porque tem os *guias* bons, mas tem os que não te deixam, e vão prejudicar você mais tarde, então é melhor você não entrar, do que você entrar. Mas se você já entrou, vai até o fim. Esses jovens que tem o dom, por exemplo, você é novo, vai pra farra, bebe e curte a vida. Você está plantando, mas você vai colher mais tarde! Se não ler a cartilha, vai sofrer (Pai Bira., 23 de agosto de 2021).

Pai Bira é muito sábio e preciso em seus ensinamentos sobre as hierarquias. Essa sua colocação é muito direcionada para as pessoas que, em sua visão, não levam a religião afro-brasileira a sério. Essa abordagem direta sobre a importância do compromisso com o sagrado é a pura forma de educação, de direcionamento dos que estão nessa caminhada do conhecimento.

Minha avó Guiomar, como já coloquei, é matriarca do terreiro Ilê Asé Oyá Dinan, e meu pai de santo Pai Jackson, é um reflexo muito importante dos ensinamentos dela, que em vida ainda são vivenciados. Por sua idade, minha avó não tem mais tanto compromisso com o(a)s filho(a)s de santo, e Pai Jackson assume esta função.

Botelho (2010) aborda sobre relações humanas harmoniosas e convivência igualitária, e é impressionante o papel que Pai Jackson desenvolve em Monte Alegre - PA e região, junto a sua companheira e mãe de santo Mãe Mariazinha, ambos usam de sua sabedoria para educar além do espaço de terreiro, pois tem ligações diretas com o quilombo e com escolas, universidades e espaços públicos. É fantástico como a ancestralidade africana transcende a americanidade.

1.5 Monte Alegre: A gira da pesquisa

Corre gira, corre gira

Corre gira sem parar

Corre gira, corre gira

Pra você tirar o azar...

(Ponto de abertura de gira)

A princípio, havia pensado nesta sessão : “O desenvolvimento da pesquisa”, pois o termo desenvolvimento é bem comum na estrutura de trabalhos acadêmicos, porém, no terreiro chamamos *desenvolvimento de gira* (por conta do *desenvolvimento* espiritual dos *médiuns*), e por isso chamarei o modo que a pesquisa foi se desenvolvendo em campo. É com a *GIRA* que tudo começa.

Antônio Bispo dos Santos, o Nego Bispo, Quilombola do Quilombo do Saco-Curtume (São João do Piauí/PI), é escritor, lavrador, militante, formado por mestres e mestras de ofício. Em uma palestra no dia 21 de novembro de 2019, durante atividades da VII semana da consciência negra da UFOPA, ‘*Negritude, Poder e Resistencia: Negros e Negras, ocupem os espaços!*’, colocou que o povo Afro-brasileiro tem um

pensamento que atua na circularidade, o samba se faz rodando, a capoeira se faz rodando, a gira no terreiro é rodando. E é exatamente assim que *gira* os tópicos deste capítulo, com os responsáveis por esse *desenvolvimento*.

Em cada canto de Monte Alegre temos um senhor ou uma senhora que usam de seus dons para curar e benzer quem tem fé e procura por ajuda. Esses homens e mulheres atentem uma demanda muito grande de pessoas que buscam uma reza, uma costura na rasgadura, lesões, banhos de descarrego, benzimentos etc. Relembro que inúmeras vezes chegaram pessoas na casa da minha avó, sem conseguir andar, falar, comer e apresentando alterações de comportamento, e os responsáveis sempre diziam que a pessoa já tinha tomado remédios e até mesmo passado no hospital. Minha avó sempre estava muito concentrada, quando alguém estava precisando de ajuda espiritual ela prontamente começava a preparação para benzer, é incrível como sua feição começava a mudar, e como eu a acompanho desde criança, muitas vezes consigo saber qual de seus guias vai descer para trabalhar. Os que mais vêm para trabalhar na cura ou benzer são a Cabocla Jurema, Princesa Flora e Zé Vaqueiro, porém, ela tem uma *Gira*, neste contexto, a palavra gira é denominada para as Pomba Gira, que são mulheres libertas da submissão e do recato imposto ao sexo feminino nesta sociedade machista e patriarcal, são as *lebaras* e sua *Gira* é a Pomba Gira Alteza.

Minha avó ensinou que ela e suas entidades sabem quando o problema da pessoa, que vem em busca de uma ajuda, é espiritual ou de acompanhamento médico. MOURA (2011) afirma que:

A prática de benzedura é um saber prático e experiencial que não advém de uma especialização formal como no caso dos médicos e farmacêuticos. Entretanto, como todo procedimento de cura, a benzeção possui restrições, pois nem todos os males podem ser curados por meio de benzimentos. Há doenças graves ou incuráveis que necessitam da intervenção e acompanhamento médicos, sobretudo nos dias atuais, quando o acesso ao tratamento médico erudito tornou-se mais fácil e disseminado, inclusive no meio rural (MOURA, 2011. p. 346).

Ou seja, assim como nem sempre o problema espiritual pode ser resolvido por esses senhores que dominam o dom da cura, também os profissionais da saúde não conseguem diagnosticar quando se trata de um problema espiritual. Minha avó conta que muitas vezes as pessoas chegam e falam que os médicos a indicaram, como benzedeira.

Levando em consideração esses aspectos de Monte Alegre, irei apresentar no capítulo seguinte a dinâmica de aprendizados dos processos de cura de duas importantes benzedadeiras, Maria Guiomar Valente e Lindalva Nascimento Borges, e Pai Bira,

curandeiro de referência na cidade. Esses três senhores estão muito conectados e suas conexões tem uma base fundamental do início desta gira ancestral em Monte Alegre. Minha avó Guiomar por exemplo, iniciou seus trabalhos na linha de cura no quilombo Peafú e com um tempo se instalou na rua Primeiro de Maio, bairro Curaxi. Essa rua é uma referência na cidade, pois tem um terreiro da Mãe Raimunda de Oxalá, adiante tem o terreiro da Mãe Wanda de Bessem, a poucos metros temos a residência de minha avó, que funcionou e funcionou por alguns anos o Ilê Asê Oyá Dinan, hoje situado quase no final da rua, e bem no final da rua era o terreiro de Mãe Neide de Iansã.

Seguindo essa linha geográfica dos locais que esses senhores e senhoras residiram ou ainda residem, temos uma presença expressiva de mulheres na dinâmica ancestral de cura e benzimento no município, e por isso, proponho uma conversa com algumas destas senhoras referências na atividade de cura e benzeção em Monte Alegre. Dialoguei com Pai Ubiraci, que começou com terreiro aberto ao público, onde um dia da semana ele recebia em seu terreiro pessoas adeptas a umbanda, grande parte dos presentes era mulheres. Pai Bira conta que ensinou muitas coisas para seus filhos e filhas de santo, mas deu ênfase que o médium traz consigo um dom e que o trabalho dele era ajudar no desenvolvimento. Também realizei pesquisa com as lideranças do Ilê Asê Oyá dinan, Pai Jackson, Mãe Mariazinha e Pai Pequeno Kisse. Foram diálogos importantíssimos a dinâmica de repasses de saber, pois os três vivem em constante movimento de luta, sempre encaminhando o terreiro e seus filhos e filhas para para o *asé*, uma expressão iorubá, que significa energia, poder ou força presente dos orixás e das encantarias das religiões de afro-brasileiras. Ou seja, o *asé* repassado para os filhos e filhas é a junção dessa palavra, deixando todos(as) fortes para seguir a caminhada, respeitando as hierarquias ancestrais.

Monte Alegre tem uma concentração vasta de senhores e senhoras que dominam a prática da cura e benzimento, como podemos observar, a ligação dos curandeiros(as) e benzedeiro(as) é muito interligada com o terreiro. É neste formato que nossa gira vai se desenvolvendo, junto aos mestres e mestras do saber.

CAPÍTULO 2: DINÂMICA DE QUEM DOMINA A GIRA ANCESTRAL NA CIDADE DE MONTE ALEGRE

PONTO DE DESCARREGO

Descarrega, descarrega

Esse filho tem precisão

Madalena vem em socorro

Limpar toda impureza (2x)

Ogum já está de ronda

Exu de prontidão

Leva pro mar profundo

Toda dor e aflição.

Nesta dinâmica de circularidade que abordei no primeiro capítulo, com importantes pessoas que carregam em suas mãos o dom da cura e seus processos de aprendizagem e repasses de saberes, construí base para seguir girando e dialogando com os interlocutores que dominam o conhecimento ancestral em Monte Alegre. O ponto de abertura do capítulo é muito popular, aborda a força que a cidade tem através dos elementos da natureza, terreiros, encantados e orixás. Essa energia que a ancestralidade radia é combustível para os curandeiros(as) e benzedeiros(a)s, neste sentido podemos observar a resistência desses senhores e senhoras que dominam a gira ancestral.

É importante informar que a dinâmica dos diálogos abaixo não aconteceu de forma interrogatória, por tanto, não segue um roteiro com perguntas prontas, conforme o diálogo foi fluindo eu ia perguntando, seguindo o objetivo da pesquisa, deixando os interlocutores tranquilos para colaborar com a pesquisa. Ou seja, História Oral, uma metodologia aplicada no campo das Ciências Humanas.

Ichikawa e Santos (2003) explicam que a história oral é uma história do tempo presente, pois faz parte de conhecimentos do passado que perdura nas ações do hoje e mostra que o processo histórico permanece. A história oral garante o contexto social e oferece mudança no conceito de História.

A história oral é uma alternativa em relação à história oficial, ela é uma forma de documentar e colher experiências vivenciadas por pessoas que se propõem a falar sobre aspectos de sua vida e de seu contexto social (Ichikawa & Santos 2003). Com essa metodologia procedi a dinâmica dos diálogos com os colaboradores, sempre me preocupando com a disponibilidade e respeitando seus espaços. Sobre esse conjunto de elementos que compõem a história oral, Ichikawa e Santos (2003) afirmam que:

A história oral é um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e continua com a definição de pessoas a serem entrevistadas, com o planejamento da condução das gravações, com a transcrição, com a conferência do depoimento, com a autorização para o uso, arquivamento e com a publicação dos resultados os quais, regra geral, devem, a priori, voltar aos entrevistados para revisão. (Ichikawa & Santos. 2003, p.2)

Neste sentido, as perguntas foram voltadas para o processo de inicialização, sobre a dinâmica de transmissão de saberes, a ancestralidade e gênero. A primeira interlocutora é minha avó Guiomar Valente, o segundo é o Pai Ubiraci e a terceira é Mãe Lindalva Borges. É muito pertinente e potente a força que esses senhores e senhoras representam para o município, durante minhas conversas com muitas pessoas (povo de terreiro) foi bastante comum ouvir relatos relacionados a eles, e faziam questão de falar sobre a importância desta pesquisa. No processo de diálogos e metodologia da pesquisa, foi importantíssimo ouvir esse apoio de irmãos e irmãs de *asé*. O tópico a seguir é de uma importante mulher da cidade de Monte Alegre, tenho orgulho de chamá-la de avó.

2.1 Maria Guiomar Valente: Ô juremê, ô juremá, suas folhas caiu serena, ô jurema, dentro deste gongá.

Figura 1– Curandeira, benzedeira, puxadeira e matriarca do terreiro Ilê Asé Oya Dinan, Mãe Guiomar.



Fonte: Acervo do autor, VALENTE, 2019.

Minha avó, Maria Guiomar Valente, é mulher negra, quilombola, filha de Zulmira Mendes da Conceição e Raimundo João Valente, mãe de nove filhos, e herdou os dons de nossos ancestrais. Isto sempre me levantou algumas questões, por isso, busquei entender aqui como esses dons perpassam para seus filhos e netos. Dentro de minha família temos muitos médiuns, os que seguem o desenvolvimento são meus tios Jackson Jorge e Rosilda Valente, meus irmãos Kisse Leivas e Sayure Valente, minha prima Mayara, dando continuidade ao que minha vó sempre nos ensina. Guiomar, mais conhecida como Marinha ou Guio, é natural de Monte Alegre – PA.

Em uma conversa, no dia 19 de janeiro de 2019, ela relatou que quando morava na comunidade Peafú (que hoje é reconhecida como comunidade de remanescentes de

quilombolas), começou a sentir revelações e ter visões. Em sua infância começou a sentir os primeiros sinais de sua mediunidade, com manifestações. Ao perguntar de forma mais detalhada sobre este assunto, ela respondeu:

Filho eu sentia a cabeça rodando, girando, corpo febril no final da tarde, minhas mãos gelavam muito, visões e desmaio. Algumas vezes, eu tinha vergonha de sair por ai filho. Quando eu despertava, quase sempre uma senhora, que minha mãe mandava chamar em outra comunidade, estava lá para “afastar” e fazer com que esses sintomas cessassem, já que a mamãe entendia que era algum tipo de espírito mal (Minha avó Guiomar em conversa, Monte Alegre, 2019).

Esse relato me deixou bastante intrigado, já que minha bisavó era parteira e benzedeira, e questionei a minha avó sobre essa negação.

É assim, a mamãe não *recebia* entidade, ela tinha as rezas dela, falava com voz diferente quando estava benzendo, mas não vinha nenhuma entidade. Aí acho que com medo né? Ela mandava chamar outra pessoa pra ajudar, ela achava que era espírito mal me malinando [...] quando eu acordava, era jogada no quintal, embaixo de uma ingazeira, essa mulher me batia até com terço, mas não adiantou, pois quem tem é de nascença, graças a Deus (Minha avó Guiomar em conversa, Monte Alegre, 2019).

Minha avó continuou colocando que esses sinais da mediunidade se perpetuaram e ela sofreu muito até o desenvolvimento. Apenas com 30 anos ela começou a incorporar encantados (a primeira foi a Cabocla Jurema), benzer e curar pessoas que buscavam seu trabalho espiritual. Ela frequentava a casa do pai de santo Ubiraci, e incorporava seus encantos.

Perguntei para ela como foi seu processo de inicialização. Ela contou que na casa de santo ela iniciou, as *rodas de caboclos* (que é uma gira praticada em terreiros de religiões de matriz africana, para que os médiuns possam receber seus encantados) costumavam ser aos sábados, e minha avó começou seu desenvolvimento no terreiro do Pai Bira, lá ela recebia seus *guias, chefes de coroa, entidades*. É lindo notar o brilho no olhar de minha avó, pois nossa conversa era na frente de sua casa e sempre havia um(a) filho(a) próximo e ela, sempre perguntavam algo no sentido de contemplar minha pergunta. Perguntei sobre suas entidades, e ela respondeu: “Meus caboclos, meus não né, os que vêm nesse mundo para trabalhar e ajudar, é Dona Mariana, Seu Ricardinho, Princesa Flora, Jurema e Princesa Guiomar.”

Meu tio Everaldo pergunta: “Mamãe e aquela que vinha brava, que a gente ficava tudo com medo dela ralar?”. Ela respondeu: “A Alteza, uma Pomba Gira, quando ela vem sai de perto (risos)”. Minha tia falou: “É linda a Cabocla Jurema na mamãe. Cante mãe, aquela que sempre ela canta na chegada”. Minha avó cantou: “*Jurema, ô juremê,*

juremá, é uma cabocla de pena filha de Tupinambá (...). Tem essa aqui também: “Ô juremê, ô juremá, suas folhas caiu serena, ô jurema, dentro deste gongá”. A força das matas sempre me trazem energias boas”.

Enfatizando sobre suas entidades, minha avó descreve que todo médium está sujeito a ser malinado por algum *egum*, ou seja, a alma de alguém falecido, e que não se tem controle sobre esse tipo de incorporação. Em seu caso, era uma amiga, chamada Sidoca, que faleceu durante o trabalho de parto. Minha avó contou que Sidoca só se aproxima para *malinar*³. Minha avó me contou um caso deste *egum* com ela. Foi em seu trabalho de parto, de um dos seus filhos, o *egum* de Sidoca se manifestou em seu corpo e ela (minha avó) jogou seu recém-nascido, o que quase ocasionou a morte da criança, mas suas tias parteiras Maria e Juana evitaram, seguraram rapidamente.

Diante do parágrafo anterior, tenho uma situação, que aconteceu no início deste ano, 2021, no quilombo Peafú. Minha avó foi morar no quilombo, no início da pandemia, e com alguns meses morando lá, ela começou a ver uma mulher de vermelho. Foram dias com essas visões, e esses acontecimentos foram afetando-a. Percebemos que ela estava mais calada, o que não é comum. Todos que estavam morando com ela ficaram preocupados, até que um dia ela passou muito mal, e como estamos em pandemia, acenamos a possibilidade de serem os sintomas da COVID-19, pois ela apresentava falta de ar, febre e agonia. Mas, ela estava sentindo a presença espiritual de sua falecida amiga Sidoca, e foi o dia todo de sofrimento, até que uma de suas filhas, Rosula Valente, que sabe muito bem quando é o *egum* de Sidoca que está próximo, começou a conversar e pedir para ela parar de *malinar* de minha avó. Eu estava lá, e foi um momento muito tenso, até que minha vó incorporou o espírito de Sidoca, e pediu uma oração, pois ela precisava disso para descansar, e assim fizeram. Minha avó melhorou e a família se reuniu na igreja da comunidade para fazer um terço, seguindo os pedidos de sua falecida amiga.

É muito importante notarmos que sua filha Rosula está acostumada com esse tipo de acontecimento há mais de 40 anos, ou seja, desde criança tia Rosula tem esse dom de se comunicar com entidades. Minha avó conta que agora que ela(tia Rosula) não incorpora mais, mas desde muito nova sua filha incorpora entidades e rezava em crianças.

Em relação a esse fato, percebo como o tempo não é capaz de apagar uma história, seja ela de vivências entre pessoas ou com o espiritual. Essa situação relatada no parágrafo

³ Expressão amazônica bastante utilizada regionalmente que significa fazer maldades ou travessuras. Os *eguns*, por exemplo, são capazes de fazer uma pessoa sentir dor de cabeça, febre, visões ruins etc.

anterior veio como um combustível para essa pesquisa, dando-me espaço para pensar a força do território, de como as comunidades quilombolas carregam essa energia ancestral. O professor Dr Kabengele Munanga, antropólogo importante para toda antropologia brasileira, em sua obra “Teoria social e relações sociais no Brasil contemporâneo” destaca que:

Valorizar a cultura, a língua, a religião, a visão do mundo e outros valores do seu grupo, de sua comunidade, de sua etnia, de sua nação, etc., para que a partir dessa valorização se possa criar a adesão, a unidade, a solidariedade e a identidade que garantem a sobrevivência do grupo. Ninguém se sentiria orgulhosamente membro de sua família, de sua comunidade religiosa, de sua linhagem, de sua etnia e de sua nação, se durante o processo de educação e socialização, não fossem enfatizado e inculcado os valores positivos dessas comunidades de pertencimento. Isso é a função positiva do etnocentrismo e dos preconceitos favoráveis a seu grupo, a “nós” em relação a “outros”. (MUNANGA, 2010. p. 6).

Portanto, é essa ligação coletiva com a terra, com esse espaço que carrega ancestralidade, tradições e resistência, que mantém as comunidades quilombolas vivas. Esse acontecimento não está sendo romantizado, pois minha avó sofre muito quando espíritos de *egum* se aproximam dela. Mas é importante pensar como o quilombo mantém suas conexões. A exemplo disso, no Peafú temos um poço encantado, onde, segundo os relatos dos mais velhos, tem uma sapa mãe encantada, que protege o quilombo. E ao refletir sobre essas questões das memórias de vivências físicas e espirituais, pensei em fazer algumas fotografias deste local, mas, mesmo com muita experiência do local onde se encontra o poço, andei por muitas horas em uma manhã, e não encontrei nada.

Minha avó então me falou “ela não quer essas coisas filho, lá é um lugar sagrado. Teve noite que sumiu gente lá, e só apareceu no outro dia”. E relembro as idas neste local, na infância, é um local bem perto da rua. Minha avó comentou que cuidou de muita gente que foi malinada, pois passaram neste espaço do poço, sem pedir permissão.

Muita gente vinha aqui para se benzer, chegavam todos malinados, febre alta, dores no corpo. Eu rezava e graças a Deus logo ficavam bem. [...] tinha noite que ninguém conseguia dormir, ouvindo vozes, gritos e assobios para o rumo de lá. No outro dia, podia esperar, tinha uns três malinados aqui em casa. (Minha avó Guiomar, 2019).

Pereira (2021) aborda, no tópico “O nascimento de um encantado” da introdução de sua dissertação de mestrado, sobre as práticas e reconhecimento de minha avó Guiomar:

Desde jovem, dona Guiomar já tinha a fama de ser uma respeitada benzedeira e recebia algumas entidades como a cabocla Itá (entidade da mata que se apresenta como índia). Pai Jackson, ainda criança, interessou-se pelo trabalho da mãe e começou a perguntar sobre as atividades que desenvolvia, pois

também sentia algumas sensações em seu corpo, mas não entendia o que estava acontecendo; e, como via a mãe ajudar a tratar de muitos problemas dos moradores da comunidade, recorreu a ela. Dona Guiomar já sabia que o filho carregava uma mediunidade, mas temia ver o filho muito pequeno ter que lidar com essa situação, que ela considerava bastante perigosa para uma criança. Na tentativa de retardar ou amenizar as angústias que o filho passava, fez muitos trabalhos para tentar acalmar a mediunidade que estava se manifestando no filho. (PEREIRA, Anderson. 2021)

A transmissão de saber, como percebemos, não era o interesse de minha avó, mas chega um momento que os encantados mostram o caminho que tem que ser seguido, e que assim como ela ajudava tantas pessoas a desenvolver e aceitar seus dons, chegara a hora de ajudar e apoiar seu filho Jackson que tão novo já estava com a mediunidade a florada⁴.

Voltando a falar sobre o lugar, o chão, o território que minha avó Guiomar nasceu e se criou, lembro que ela manteve-se afastada do quilombo Peafú há mais de 15 anos, muito por conta de sua saúde, pois é portadora de deficiência física, o que a impossibilitou de continuar morando no quilombo, ela apenas ia aos eventos e missas da comunidade. Mas, com a necessidade de voltar a morar na comunidade (por conta da COVID-19), ela passou alguns meses na comunidade, e sentimos que ela se adaptou muito bem, todos notaram que ela estava nostálgica e feliz em um espaço tão importante de sua trajetória de vida. Infelizmente, com esse episódio que fez ela passar mal e ter visões desagradáveis, ficou difícil manter sua estadia no Peafú, ou seja, ela ficou 5 meses no quilombo, e depois voltou para a zona urbana. Mas os filhos e filhas fazem questão de levar ela sempre que possível, minha avó se enche de felicidade no Peafú, é uma conexão fantástica.

2.2 Mulheres de terreiro: protagonismo, luta e resistência ancestral

Dentro da narrativa descrita acima, não podemos deixar de lado os papéis de gênero dentro do sistema espiritual da benzeção, sendo que o ofício das mulheres que benzem são os rituais de cura e de possessão, onde entidades, muitas vezes podem ser seres conectados com a floresta e se manifestam através da benzedeira para fazer coisas boas, para curar os que buscam ajuda. NERY (2006) evidencia a importante presença das mulheres no ramo da cura:

Diz a tradição que o ato de benzer, ou de curar, é a ritualização das coisas da fé, onde muitas vezes se misturam o sagrado e o profano. Herança dos

⁴ Termo muito utilizado no terreiro para falar que o médium vai incorporar com um encantado pela primeira vez.

portugueses que ao chegarem ao Brasil sofreram influências dos índios e, posteriormente, dos africanos, sobretudo as mulheres. O conhecimento das plantas medicinais da colônia, dominado pela cabocla e pela mulata, unido ao das plantas medicinais trazidas pelos portugueses, foi sendo repassado de geração em geração, originando o costume de curar doenças por meio de recursos naturais (NERY, 2006, p. 2).

Relacionando os diálogos que tive com os homens interlocutores da minha pesquisa, foi comum os homens curandeiros terem referências de mulheres em sua trajetória. A autora coloca o quão importante é o papel das mulheres benzedeadas.

A benzedeadora reza em males que acometem as crianças e os adultos. Estudos realizados em Minas Gerais, mostram que a benzeção é uma prática desenvolvida sobretudo pelas mulheres: “A presença da mulher é marcante no mundo da credence e é ela, numa maioria quase absoluta, que conhece o segredo das palavras e dos gestos capazes de exorcizarem o mal” (NERY, , 2006, p. 4).

A pesquisadora, escritora e ativista Carla Akotirene propõe um debate importantíssimo em “O que é interseccionalidade?”. Akotirene faz parte da série de ativistas plurais, onde as questões debatidas são relativas ao feminismo negro e como esse movimento aparece com linha de frente para uma pauta de luta. A interseccionalidade é fundamental para esse movimento, pois é uma categoria teórica que aponta muitos sistemas de opressão e silenciamento, e assim, articula gênero, raça e classe.

Nessa perspectiva de enfrentamento e luta, temos mulheres reivindicando seus espaços, muitas juntas com suas crianças, e o terreiro Ilê Asé Oyá Dinan sempre apoiou e apoia essas mães, incentivando e amparando mulheres mães. Esse movimento se construiu através de minha avó, desde a fundação do terreiro ela apoia as crianças nas sessões de desenvolvimento.

Figura 2– Filhas de santo com suas filhas no terreiro Ilê Asé Oyá Dinan



Fonte: Acervo do autor, VALENTE, 2019.

Akotirene (2019) coloca em pauta uma discussão sobre os espaços e a alcançabilidade do feminismo negro, e quão necessário é esse movimento ser do conhecimento de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer e intersexos (LGBTQI), e também dos religiosos do candomblé, ou seja, povo de santo de terreiro. A autora faz uma análise sobre os sentidos que o feminismo negro tem, e como esse campo tem socorrido atentamente quem sofreu e sofre “asfixia racial”.

Uma vez que a água para mulheres negras é fundamento epistemológico, não sendo à toa, por identidade ancestral, sermos todas chamadas de *iyalodês* – título consagrado a Osum, senhora das águas e mensageira política das reivindicações das mulheres, na Nigéria – vale considerar, que distante do feminismo branco com “místicas femininas” em alusão representativa da prisão feminina no espaço privado, Osum representa aquela que tem autoridade no espaço público – privado para reivindicar em nome da comunidade (...) (AKOTIRENE, Carla. 2019. p.27)

Este conhecimento de identidade ancestral faz parte da trajetória de vivência das interlocutoras apresentadas, são mulheres mestras do saber, então, pensar o feminismo negro, é pensar uma estratégia de enfrentamento nas relações de poder. A presença das mulheres nas práticas de cura e benzimento é muito expressiva, e elas estão praticando a

interseccionalidade, pois têm sensibilidade analítica e lutam sobre as linhas de opressão que operam de forma contínua.

Essa pesquisa me fez entender que nossos mais velhos, que trazem consigo a força ancestral, estão dispostos a nos preparar para enfrentarmos gente poderosa e através dos nossos dons abençoar o caminho daqueles que precisam. Nos olhos de minha avó Maria Guiomar, pode perceber que os mais velhos pedem aos mais jovens responsabilidade e humildade para com o sagrado! O caminho de um(a) jovem curador(a) benzedor(a) não pode ser trilhado sem o reconhecimento dos nossos ancestrais, pois esses construíram um trabalho político, e por tanto preconceito, não acessaram o que podemos acessar hoje, não tiveram a chance de construir um espaço físico (terreiro, por exemplo) para seus atendimentos espirituais.

2.3 Pai Ubiraci Pinon: “Quem está dentro não queira sair, quem está lá fora não queira entrar”

Figura 3– Pai Bira em sua residência



Fonte: Acervo do autor, VALENTE, 2019.

Ubiraci Pinon, mais conhecido como “Pai Bira” tem 73 anos, nasceu em Monte Alegre, é curandeiro e benzedor, pertencente à umbanda sagrada que é uma das muitas vertentes da umbanda e seus adeptos seguem uma linha natural, ou seja, mantém as

hierarquias de seus fundadores. Conheço Pai Bira desde que eu era criança, pois ele, vez ou outra visitava o terreiro do meu tio, o que permanece até nos dias atuais. Nos primeiros passos para iniciar esta pesquisa já tinha o interesse de convidá-lo como interlocutor. Convidei o Pai Bira para participar e ele aceitou, assim começamos nossos diálogos. Nosso primeiro encontro não teve muitos questionamentos, perguntei apenas sobre o início de sua trajetória, confesso que essa pergunta rendeu assunto para uma agradável e descontraída tarde.

Começa sua impressionante trajetória falando de sua principal inspiração de curandeiros e benzedeiros, que é seu avô João Maciel Pinto Frias. Sua infância e adolescência foram marcadas pelas práticas de cura de seu avô que tinha muitas *visões*, e toda vez que algo de ruim ou bom estava prestes a acontecer, seu avô dizia segundos antes, nessa fala ele exemplificou: “aquele rapaz que vem de bicicleta vai cair meu filho”, logo em seguida o rapaz caía, isso impressionava muito todos que viam o seu João ter visões de determinadas situações, benzia muito bem e fazia banhos de descarrego. Pai Bira não aprofundou muito sobre seu avô, em nossas conversas pude perceber os momentos em que o assunto não seria aprofundado, e seguia com novas questões.

2.4 Pai Bira: “nunca duvide dos encantados”

Desde cedo Pai Bira já tinha essa referência potente, passou muitos anos sentindo várias coisas que o levava a perceber que era algo envolvendo sua mediunidade, mas somente aos 19 anos começou a ter respostas. Iniciou no ramo da cura e benzeção. Ao mudar-se para Belém, certo dia Pai Bira conhece o terreiro da mãe Dalva, através de um convite de seu primo, mesmo com todas as aprovações de seu avô, Pai Bira tinha suas desconfianças quando se tratava de outras pessoas, mas para não desapontar seu primo, resolveu ir. Nesse momento de nossa conversa, ele riu antes de discorrer mais sobre essa visita ao terreiro, eu já sabia que viria uma história inusitada. Ele então tomou um gole de café e contou que cochichou no ouvido de seu primo desdenhando da *entidade* da mãe Dalva (querendo dizer que ela não estava incorporada), e em um determinado momento da festa, a *entidade* o chamou e disse que sabia o que ele tinha comentado sobre ela. O gole de café seguido de uma risada curta foi indispensável. Sobre esse acontecimento ele disse:

Eu só lembro bem até a hora que ela falou isso, depois tudo foi girando minha cabeça, apaguei por algumas horas e quando acordei, estava jogado perto dos tambores e todos em minha volta estavam vendo aquela situação, fiquei com muita vergonha! Mas serviu de lição (Pai Bira em conversa, 2019).

Depois deste episódio, ele passou a acreditar em mãe Dalva, conseguiram estabelecer uma boa relação e se tornou filho de santo dela. Depois de uns seis anos desenvolvendo e com muitos ensinamentos, chegou um dia importante em sua vida enquanto médium, a prova da federação umbandista de Belém para ter licença para abrir um terreiro de desenvolvimento de médiuns. Pai Bira conta que a prova não era fácil, pois tinha alguns testes físicos que colocavam em risco a integridade física das pessoas que se submetiam a fazer algo que não é mais permitido nos dias atuais. Ele conseguiu a licença. Ainda em Belém, Pai Bira conheceu Maria do Carmo, os dois tiveram aproximação e o fato de ambos estarem desenvolvendo a mediunidade, fez o amor aflorar. Ao longo de nossas conversas, sempre busquei informações sobre sua história com Maria, mas Pai Bira não falou muitas coisas, sempre resumia em frases de elogios.

Pai Bira e Maria do Carmo retornaram para o município de Monte Alegre em 1974, como pai de santo aprovado pela federação estadual, logo fizeram a fundação de sua casa de santo no município. Nos primeiros meses de casa aberta, Pai Bira atrai novos adeptos para sua casa, tendo apenas filhas de santo, sendo elas: Maria Guiomar, Neide, Rosula, Wanda, Maria, Laide e Madalena. Sua casa de santo era muito frequentada, outros pais e mães de santo iam visitar e partilhar do mesmo *asè*.

Sua companheira faleceu no dia 28 de junho de 1991. Com essa dolorosa partida ele resolveu fechar sua casa para o desenvolvimento de médiuns e se reservou mais para atendimentos particulares. Sobre essa nova perspectiva e forma de trabalhos que Pai Bira começou a atender pessoas que precisavam de ajuda espiritual, uma reza, um banho de descarrego etc. Essas práticas de cura são bastante comuns entre esses senhores e senhoras.

Pai Bira dá muita ênfase às hierarquias, no respeito e tradições da Umbanda. Perguntei para ele sobre como ele visualiza a religião nos dias de hoje. Ele respondeu que não se desenvolve mais médiuns como antes, muitas coisas deixaram de ser importante no culto, assim como, o uso de *espada de caboclo*, *fio de conta* dos guias, os banhos que os filhos tomavam para poder entrar no terreiro. No entanto, nos dias atuais o que Pai Bira sente falta é o interesse e dedicação dos médiuns para buscar aprofundar-se nas rezas e se

tornar um curador. Essa fala foi reproduzida muitas vezes durante nossas conversas! Mas logo ele citava exemplos de jovens que estão começando a caminhada na linha de cura.

Figura 4 – Pai Bira com suas vestes de desenvolvimento de gira



Fonte: Acervo do autor, VALENTE, 2019.

Durante a entrevista perguntei ao Pai Bira se ele tinha um altar⁵ reservado para seus encantados, ele muito direto já foi me convidando para ir até lá. Ele me mostrou o espaço reservado aos seus encantados, e conforme conversávamos, pensei, durante a nossa conversa, que Pai Bira, como um jovem humilde do interior, que segue a religião de seus ancestrais desde um período que as práticas de cura eram mais atacadas pela sociedade, seria extremamente ameaçador à ordem vigente, por simplesmente manifestar

⁵ Para aprofundar os estudos sobre simbologia e relações de altar das religiões de matriz africana no oeste do Pará ler o trabalho de Pereira (2014)

sua própria cultura e seus dons. Vendo que suas divindades são homens e mulheres negros (as), indígenas, ciganos etc., com aparência de boa saúde e em poses de luta, retrata o total inverso do que seria tratado como pacífico e respeitoso pelos que não eram adeptos a sua religião.

Figura 5– Pai Bira ao lado de seu altar



Fonte: Acervo do autor, VALENTE, 2019.

A fotografia acima tem uma riqueza de simbolismos e significados para o Pai Bira, esse lugar é muito íntimo, mas com muito carinho, Pai Bira fez questão de mostrar e permitiu fotografar. Essa relação que vamos estreitando durante as nossas conversas é muito fantástica, pois ele foi explicando sua rotina de cuidados, como ele cuida diariamente para que as luzes das velas não se apaguem, pois é aqui que ele realiza suas rezas e trabalha com a cura.

Algo muito interessante dos curandeiros e benzedeiros que incorporam encantados é que os trabalhos de cura podem ser feitos sem a presença da pessoa que precisa de cuidados espirituais. Ou seja, com o nome completo, ou através de uma foto, os curandeiros afirmam seus pontos para ajudar a quem precisa. Pai Bira contou que é através do seu altar que ele emana energias positivas para curar quem precisa.

Aproveitei esse diálogo que estávamos tendo dentro de algo tão íntimo e familiar, e perguntei sobre seus filhos(a), que também é objetivo desta pesquisa, entender as dinâmicas de repasses. Pai Bira contou que dois de seus filhos têm nome de *caboclos*

Duas homenagens que eu e Maria fizemos, um chamado Ubiraci, que nunca desenvolveu, mas sabe que é médium, ele sempre soube, mas precisou mudar de cidade ai ele parou, mas um dia vai ser cobrado. A outra é Janaína, que apesar de não ter casa de santo, sabe muitas coisas, algumas eu ensinei e outras só de olhar ela já ia entendendo (Pai Bira em conversa, 2019).

Perguntei se ele lamentava por seus filhos não terem continuado os seus trabalhos espirituais e não serem ativos na religião. Ele disse que não, pois cada pessoa tem que seguir seu caminho, e que ele era muito feliz por ter cumprido sua missão aqui na terra, ajudou muitas pessoas e aprendeu e dividiu saberes com muitas pessoas. Eu tenho muito orgulho de ter tido a oportunidade de sentar e conversar com Pai Bira, seus ensinamentos colaboram tanto para o desenvolvimento deste trabalho, quanto para mim enquanto médium.

Figura 6 – Conversa com Pai Bira, depois de uma roda de caboclo



Fonte: Acervo do autor, VALENTE, 2019.

Pai Ubiraci contou nesta conversa que, assim como minha avó, não define uma só função com relação à prática de cura, ele sabe de tudo um pouco. É muito procurado por moradores do município, seja para um banho de descarrego, benzer crianças com quebranto, ajudar pessoas que estão em processo de descobrimento de seus dons. Pai Bira falou que, mesmo com a idade, ele não parou de utilizar seus dons para ajudar, e ressaltou que muitos dos que trabalhavam já se foram, ou deixaram de trabalhar.

É importante observarmos o quanto as práticas de cura estão conectadas com as forças dos encantados e com os elementos que os encantados trazem, sobretudo com as forças das ervas, e é através delas que os mestres e mestras preparam os banhos de descarrego e defumação. Claro que nas religiões de matriz africana temos muitos tipos de usos com as ervas. Assim, no artigo “Sem as plantas a religião não existiria”: Simbologia e virtualidade das plantas nas práticas de cura em comunidades tradicionais de Terreiros amazônicos (Santarém, PA).”, as autoras trazem uma pesquisa fantástica sobre as práticas de cura por meio das plantas, os resultados da pesquisa trazem os seguintes métodos de utilização das plantas apresentados em dois esquemas:

Dentre os principais procedimentos adotados com uso das plantas do Terreiro de Mina Santa Bárbara, foram destacados os seguintes: a) “comida de santo”, que consiste na oferta de determinados alimentos para os Orixás²¹; b) o amaci, que consiste numa forma de limpeza de corpo; c) bahos, que podem ser de descarga, para “liberação de carga negativas”, ou atrativos, para “recebimento de cargas positivas”; d) ornamentação do espaço e dos altares, principalmente para ritos de iniciação e rituais festivos; e) uso medicinal; f) “banho para lavar a cabeça”, banho especial para os novos iniciados [...] (Leitão-Barboza et al., 2021a. p. 153).

No Terreiro Kwe Oto Sindoya, dentre os principais procedimentos adotados para os cuidados de saúde e para fortificação espiritual, através do emprego das plantas, foram destacados: a) garrafada, tipo de medicamento elaborado com plantas e armazenado em garrafas para posterior ingestão; b) ingestão de ervas através de chás e/ou xaropes; c) infusão de ervas; d) amaci; e) bori (bori branco ou obi d'água e bori vermelho ou obi de ejé)” (Leitão-Barboza et al., 2021a. p. 154).

Antes dito, Pai Bira não aprofunda sobre seus saberes e práticas de cura, mas é notória a presença das plantas ao redor de sua casa. Sobre os dados citados acima, foi muito frequente as vezes que Pai Bira falou o nome desses fundamentos, práticas e utilizações das plantas.

O artigo traz um aspecto que dialoga muito com esse tema sobre a relação com as plantas: “As palmeiras propiciam “força de axé”, porém, não devem ser compradas, devem ser resultantes de doações”. Pai Bira contou que quando se dá ou recebe uma planta de alguém, sempre tem uma conversa sobre, seja para ensinar ou aprender, ou seja,

a relação de troca das plantas é carregada de afeto e significados. Quem já pegou uma planta medicinal e ouviu uma instrução sobre como utilizá-la?

Figura 7– Pai Bira segurando a espada do Caboclo Zé Raimundo



Fonte: Belliny Valente – 2019.

Nesta fotografia temos Pai Bira com a faixa e nela o ponto riscado (ponto riscado é o uma junção de elementos (setas, estrelas, flechas, lua, sol etc.) que representam uma entidade, essa por exemplo é do caboclo Zé Raimundo, chefe de cabeça de Pai Bira. Essa faixa é utilizada no processo de cura e benzimento, usa-se para invocar a entidade e na abertura de gira. Confesso que foi uma honra ter a oportunidade de fotografá-la em nossa conversa.

Pai Bira traz em sua trajetória de vida uma forte ligação com as entidades, não é atoa que ele contou que muitos não o chamam por seu nome, muitos chamam ele por nome de entidade, ou até mesmo nomes pejorativos “macumbeiro, feiticeiro, bruxo entre outros. Com isso, perguntei ao Pai Bira como ele se identificava no ramo da cura e benzimento, ele disse que não tem uma definição, pois ele já fez um pouco de tudo. Essa resposta partiu de quase todos interlocutores, eles não se colocam com uma só função no ramo da cura e benzimento.

Minhas conversas com Pai Bira foram incríveis, foi importantíssimo o tempo que ele disponibilizou para conversarmos, acredito que ainda vamos ter longas e boas conversas como essas. Em nosso último encontro ele disse que estava feliz em ver alguém da religião, se dedicando no estudo sobre nossa religião.

2.5 Lindalva Nascimento Borges

Figura 8 – Mãe Lindalva na gravação do documentário de 30 anos do Ilê Asé Oyá Dinan em 2018



Fonte: Acervo do autor, VALENTE, 2019.

Lindalva Nascimento Borges é uma mulher negra, mãe de nove filhos, filha de santo do *Ilê Asé Oyá Dinan*, minha irmã de santo, mas a chamo de Mãe Linda, ou Lica. Sem dúvidas Lindalva é uma das mulheres, das quais conheço, que mais conta e canta histórias, pois ama cantar pontos de entidades. Essas músicas contêm uma gama de narrativas que descrevem suas lutas, histórias e vivências de sua vida espiritual e o "mundo do pecado", frase usada por encantados. Em nossa conversa, a gente gargalhou neste momento. Aproveitei para perguntar qual era o *ponto* que ela se identificava, ela respondeu cantando:

Saia do mar, linda sereia

Sai do mar, sereia bela

Saia do mar, linda sereia

Saia do mar, brincar na areia...

Sempre que eu sinto as forças de minha mãe Iemanjá eu canto esse ponto, também canto quando estou triste ou querendo alcançar coisas boas. Eu já fui muito criticada por ter tanta fé, mas nunca me senti sozinha, graças a Deus, meus orixás e minhas entidades eu nunca me senti desamparada (Mãe Lica, 2019).

Nesta manhã estava tomando café com a Mãe Lindalva e começamos a conversar. A questioneei sobre suas raízes, de onde seus pais eram, onde ela passou a maior parte da sua infância e juventude. Mãe Lindalva começou a explicar, confesso que é prazeroso ouvir seus relatos, pois na cozinha onde estávamos têm uma enorme janela que nos privilegia com uma visão para os rios Amazonas e Gurupatuba, e ela sempre que conta suas histórias fica olhando para o horizonte, com uma sensação nostálgica. Sua voz fica firme ao falar que é filha de Maria Benedita e Raimundo Borges.

Mãe Lindalva começa contando que suas raízes são do Xingu, a família de sua mãe, Dona Benedita, era indígena, e que por esse motivo ela tinha sangue indígena correndo na sua veia. Ela disse que sua mãe era curandeira, mas que por muitos anos fazia suas curas, remédios caseiros, banhos às escondidas, pois ninguém podia assistir. Lica destacou que por esse motivo ela não sabia maiores detalhes. Sempre foi a mais curiosa dos irmãos e sentia, sonhava, via vultos, mas sua mãe não explicava o que era, e por esse motivo não desenvolveu sua mediunidade desde cedo.

Na adolescência sua família se mudou para o Itamucuri, comunidade próxima ao município de Monte Alegre. Seu sonho era ser uma professora, tentou por muitos anos, mas não conseguiu. Outro sonho era ter dez filhos, e Deus concedeu esse sonho a ela, em sua fala ela agradecia olhando para cima, como sinal de agradecimento a Deus.

Seu primeiro contato direto com as entidades foi na casa de Ana Guedes, ela conta que foi uma luz em seu caminho, essa senhora tinha um terreiro e lá Mãe Lindalva conheceu muitas entidades, mas o terreiro fecha logo que o conheceu. E um belo dia, seu irmão mais novo lhe convidou para ir ao terreiro do Pai Jackson. Perguntei a Mãe Lindalva como foi essa visita:

Foi aonde eu reencontrei minha mãe Mariana, foi onde conheci Rompe Mato, Jarina, caboclo Roxo e tinha outros, mas esses eram os mais frequentes [...] parece mentira meu filho, mais quando eu botei o pé aqui pela primeira vez, que foi meu irmão que me convidou, quem tava em terra era a mãe Mariana, e ela me conheceu, me chamou e me deu um abraço, foi uma coisa incrível, e desde lá eu nunca mais saí do terreiro, da casa do Pai Jackson, e sou muito orgulhosa, porque todos os meus filhos mais novos fazem parte também,

caminham junto como na religião, tu sabe disso. Já peguei na cara de macumbeira de tudo, mas eu sempre enfrentei. (Mãe Lica em conversa, 2019).

Nossas primeiras conversas, em agosto de 2019, despertaram muitas lembranças de Mãe Lindalva, que hora ou outra sua voz ecoava cantando, sem contar o ótimo café da tarde. Perguntei para ela como foi seu processo de início no ramo da cura, ela me contou que foi desde pequena, e que devido ao seu pouco entendimento, ela encarou por muito tempo com massagem, mas com o tempo veio entender que sempre teve o dom e sentiu a força das entidades. Em uma conversa, em julho de 2021, voltamos sobre este assunto e ela falou sobre a sua neta Mariah Noemi, que tem dois anos. *“Ela tem uma vocação de berço, ela já mostra a ponta do espinho que ela vai ser. Ela puxa e benze, sempre quer aprender, tudo que vê eu fazendo, ela faz igual.”* Mãe Lindalva, com muito orgulho, conta o que observa em sua neta, coloca que a trajetória dela foi a mesma, começou a se sentir muito cedo.

Diante disso, temos ao longo da trajetória de Mãe Lindalva, uma estreita relação com a família. Ou seja, seus dons estão ligados aos seus avós, perpassou por sua mãe que não desenvolveu sua mediunidade em terreiro, mas incorporava escondida pois seus pais não a apoiavam. Mas sempre ela rezava e puxava. Desde criança Mãe Lindalva sabe que herdou o dom, dois de seus filhos são médiuns praticantes, de incorporação, e para fechar o círculo atual, sua neta, de aproximadamente dois anos, tem manifestado fortes indícios de que também é médium.

Sobre seus dons de cura, ela contou que sabe muitas coisas e que são de Deus e de seus encantados, que estão sempre juntos a ela. Suas práticas de cura são com o ato de puxar, banhos com ervas e chás de plantas. Mãe Lindalva enfatiza que

A pessoa traz a vocação de berço, porque quando não é, ainda que ensine a pessoa não quer, a pessoa não consegue se concentrar. Então eu fui assim, eu desde pequena eu já tinha minhas atitudes, eu puxava, fazia banhos, eu já sabia muitas coisas que vinha direitinho na minha mente pra mim fazer. [...] Esse trabalho de conhecer um pouco, não digo tudo porque ninguém sabe tudo né? Não é toda coisa que eu vou dizer que eu sei, mas se eu colocar a mão para fazer uma massagem em alguém, eu sei se é problema de osso ou não, e sei também quando eu dou conta e quando eu não dou, né? Então é assim meu filho, isso começou desde pequena, só não tinha o incentivo, como já falei a minha mãe nunca quis que eu trabalhasse. Ela não queria que seus filhos tivessem contato, por isso a gente pouco via o que ela fazia, por isso eu trouxe de berço mesmo. (Mãe Lica em conversa, 2019).

2.6 Sabedoria, família e afeto

Mãe Lindalva traz em sua história um processo muito bonito de superação e sabedoria, com essa força ela constrói uma rede de afeto a partir de suas vivências no terreiro. Em nossas conversas ela falou que no início foi bem difícil, um de seus filhos estava com problemas sérios de saúde e comportamento desagradável, e ela passou a levar ele para o terreiro, logo percebeu que ele era médium. Com o tempo seu filho começou a desenvolver sua mediunidade e desde então, ele passou a apresentar melhoria em sua saúde e comportamento.

Dito isso, Mãe Lindalva começa a apresentar muitos aspectos positivos em suas relações familiares. E assim conseguiu trazer grande parte de sua família para conhecer sua religião. Ao menos dez pessoas de sua família são praticantes de religião de matriz africana, a maioria são filhos. E Mãe Lindalva faz questão de agradecer a Deus, aos orixás e suas entidades por isso. Em uma de minhas visitas à sua casa, pude fotografar ela *puxando a costa*, que é quando a benzedeira pode utilizar um método de rezas e massagens ou, como me explicou Mãe Lindalva pegar uma agulha e por uma linha branca, enquanto for benzendo vai simulando uma costura na região de das dores. Na imagem aparece em destaque sua neta, que atentamente observa sua avó na prática de cura.

Figura 9 – Mãe Lindalva em trabalho de cura, puxando a costa para aliviar dores na coluna. Impossível não observar a atenção de sua neta no processo de cura.



Fonte: Acervo do autor, VALENTE, 2019.

Essa imagem me deixou nostálgico, pois acompanhei exatamente assim, os dons de cura de minha avó Guiomar. Confesso que tenho admiração ao observar trabalhos de cura, nesta sessão que Mãe Lindalva desenvolveu tive o privilégio de acompanhar de perto, antes do rapaz deitar para que ela puxasse sua costa, Mãe Lindalva pegou um pano e mediu seu antebraço da ponta do dedo mindinho ao cotovelo de forma vertical, com essa medida ela consegue saber a gravidade e intensidade da dor nas costas e se a pessoa está com *peito aberto*. Em seguida ela mandou ele deitar no chão e começou a puxar lentamente, entre sussurros hora ou outra ela ia diagnosticando e ensinando formas adequadas de repouso para um melhora completa.

Esse processo de aprendizagem é uma forma de educação, uma educação ancestral, pois ao observar percebemos o respeito com os que estão recebendo a cura, percebemos o preparo através da concentração que preenchem o lugar. Mãe Lindalva explicou cada detalhe dos procedimentos para sua neta, e o brilho nos olhos da criança contagiou quem estava presente, ela não parava de observar e se mostrou disposta a realizar o trabalho de sua avó.

Figura 10– Mariah mostrando como sua avó faz no processo de cura.



Fonte: Acervo do autor, VALENTE, 2019.

Minha avó Guiomar abre a gira deste capítulo, e como estamos falando sobre a dinâmica que Mãe Lindalva tem com sua neta, é importante o que Pereira (2021) aborda sobre ensinamentos:

Então, dona Guiomar ensinou tudo o que sabia para o Pai Jackson a respeito dos encantados das matas, ensinando a ele também como compreender os tempos dos encantamentos, sabedoria fundamental para não se perder no encanto e acabar ficando de vez no mundo da encantaria. O pai de santo, de posse desses saberes, compreendeu as relações que se teciam à sua volta, mas necessitava ainda de outros aprendizados sobre o tambor de mina, já que ele também possuía essa abertura para poder receber os encantados da mina, como percebeu a mãe de santo que cuidou dele em Monte Alegre (PEREIRA, Anderson, 2021)

Quando falamos sobre a dinâmica de repasses de saberes, é comum ouvir frases sobre o desinteresse dos mais jovens, o que é muito compreensivo pois é algo que parte dos mais velhos, claro que estou me referindo aos senhores e senhoras de Monte Alegre. Essa questão sempre esteve presente nos objetivos de estudo desta pesquisa. Diante disso, ao decorrer da pesquisa percebi que histórias como a do meu Pai de santo, Jackson Valente, estão em inúmeros momentos se assemelhando. Mãe Lindalva e Mariah estão nesse processo, e é fascinante observar como ela tão criança já caminha nos caminhos trilhados por sua avó.

Mãe Lindalva tem dois filhos e duas filhas que os acompanha na religião, e como ela começou e eles já estavam adolescentes, ela ensinou e os motivou desde o início, e como coloca o autor, sobre a necessidade de novos aprendizados, de certa forma ela aprendeu junto aos seus filhos(a). E sua neta, já está crescendo neste contexto e com vivências no terreiro e com as práticas de cura de sua avó. Como colocado, Mãe Lindalva diz que não teve muito apoio no início da sua caminhada, e neste sentido ela faz um exercício diferente do que lhes foi dado.

Mãe Lindalva, minha mãe Lica, me disse algo muito pertinente sobre como ela se reconhece no ramo da cura, sobre suas funções, algo que aparece nas conversas de todo(a)s interlocutores(as), por mais que eles(as) se identifique mais com uma função, essa função abrange vários outros significados para as atribuições de seus dons, desde criança vejo mãe Lindalva ajudando pessoas através de seus dons, e como ela mesmo

fala, por mais que ela não saiba como resolver, ela concentra para seus encantados, pede a força de Deus e tenta

O meu lado mais é mais com ervas. Eu trabalho com a natureza mesmo! Não sei nem o que eu sou, se eu sou curadeira, se eu sou puxadeira, se eu sou benzedeira (risos) um desses eu sou. Eu acho que seja curadeira, que aí pega tudo, pelo menos eu penso assim, que pega todas essas funções, meu filho. (Mãe Lindalva em conversa, 2019).

Mãe Lindalva traz aspectos muito pertinentes em suas falas, pois como já dito outros(as) interlocutores(as) discorreram sobre essa multifunções no ramo da cura. Ao mesmo tempo que a definição de seus dons é difícil, eles(as) encontram uma palavra que melhor define seus dons no ramo da cura, o da Mãe Lindalva por exemplo, uma benzedeira. Esse processo de auto-afirmação enquanto uma benzedeira, só vem depois de analisar que todos seus dons estão representados em uma palavra! Mãe Lindalva enfatizou que sempre busca aprender novas coisas, e assim poder ajudar todos(as) que precisam.

CAPÍTULO 3: LEGADO, RESISTÊNCIA E CONTINUIDADE DOS MAIS JOVENS

Nos capítulos anteriores nossa *gira* foi realizada com os nossos mais velhos, sobre suas vivências, ancestralidade e saberes. Neste capítulo vamos girar com os mais novos, no sentido de entender como os que estão se iniciando no ramo da cura e benzeção buscam esse aprendizado. Quando me refiro aos “mais velhos” e “mais novos” não estou me atendo à questão de idade, pois se tem uma coisa que aprendi com minha avó é que nunca é tarde para abrir a cartilha e buscar ensinamentos sobre nossos dons de cura. Nessa perspectiva, este capítulo gira em torno dos relatos das vivências e saberes dos que estão dando seus primeiros passos ou, para ser mais objetivo, pensando na ancestralidade, me atrevo a dizer, os que estão dando continuidade a esses passos.

Os diálogos que tive com os interlocutores deste capítulo, foram construídos a partir das conversas que tive com os interlocutores mais jovens. Ressalto que conversei bastante com meu povo de santo de terreiro ao longo desta pesquisa, três deles aceitaram ser interlocutores: Maria da Conceição (Mãe Mariazinha, Jackson Valente (Pai Jackson) e Kisse Leivas Valente (Pai Pequeno), eles(a) são lideranças do Ilê Asé Oyá Dinan. Em nossas conversas perguntei sobre como foi o processo de inicialização e como eles(a) estão nesse processo de desenvolvimento de seus dons.

3.1 Pai Jackson e Mãe Mariazinha: lideranças de terreiro

Figura 11 – Pai Jackson e Mãe Mariazinha no toque festivo em homenagem aos 21 anos da Pomba Gira Maria Padilha



Fonte: Acervo do autor, VALENTE, 2019.

Duas lideranças do município de Monte Alegre, responsáveis pelo terreiro Ilê Asé Oyá Dinan. Neste tópico coloco Pai Jackson e Mãe Mariazinha juntos, pois é isso que eles representam para o terreiro, UNIÃO! Ambos desenvolvem um trabalho fantástico que dialoga não só com a comunidade de terreiro, mas também nas escolas, no quilombo, na universidade e na sociedade de Monte Alegre. Pai Jackson, meu tio, trabalha desde muito cedo e tem uma grande contribuição para o processo de repasse de saberes. Acho fantástico como meu Pai de Santo estende sua busca por conhecimento, sua maior inspiração e motivação é minha avó, mas ele se conecta com muitos senhores e senhoras do município de Monte Alegre e, também, de municípios e estados vizinhos. Em 2020 pelo menos duas senhoras, lideranças de terreiros tiveram a vida acometida pelo

coronavírus. Pai Jackson emocionado disse que perdemos grandes lideranças, perdemos grandes mulheres, mas não perdemos o que ficou semeado, o legado.

Bergo (2011) em “Quando O Santo Chama: O terreiro de umbanda como contexto de aprendizagem na prática”, aborda sobre a hierarquia na umbanda e a importância e responsabilidade de um pai e uma mãe de santo, como abordei acima, Pai Jackson e Mãe Mariazinha tem uma importante função e compromisso com os filhos e filhas de santo, e com a comunidade do povo de santo de terreiro, já que estamos falando de lideranças

A organização hierárquica da umbanda apresenta em seu topo a mãe ou o pai-desanto, cargo central da religião ao redor do qual se estabelecem as demais funções dos membros da comunidade. A figura simbólica do chefe de terreiro traz consigo uma pesada carga de exigências, sendo a principal delas zelar por seus “filhos”. Tudo que ocorre em sua “casa” é de sua responsabilidade e é ele que responde pelo sucesso ou fracasso do desenvolvimento de todos que compõem sua família-de-santo. (BERGO, 2011, p. 174)

Mãe Mariazinha costuma dizer que ninguém escolhe ser uma benzedeira ou curandeira, dar-se como exemplo, moradora da beira d'água que sempre sentiu a força dos encantados, e mesmo não entendendo muito sobre, sempre foi muito curiosa para aprender e entender sobre suas visões. Com muitas buscas por conhecimentos, um dia visitou um jovem rapaz que tinha fama de curador, mal ela sabia que esse rapaz se tornaria seu companheiro de vida, Pai Jackson. Juntos eles construíram uma trajetória de vida fantástica, que dialoga com nossos interlocutores mais velhos e pretendo continuar essa pesquisa trazendo, de forma mais aprofundada, suas histórias de vida. Por hora, vos apresento como uma extensão do que os senhores e senhoras vem repassando, ambos tiveram e têm contato direto com Mãe Guiomar, Pai Ubiraci e Mãe Lindalva.

Mãe Mariazinha e Pai Jackson estão sempre dispostos a ensinar, ambos têm muitos filhos e filhas de santo que possuem mesa aberta ou casa aberta, expressões utilizadas para designar quem inicia seus processos de cura, ou seja, começa atender pessoas em sua própria casa(terreiro), a função do *Pai* e *Mãe de santo* é orientar neste início. O Ilê Asé Oyá Dinan, por exemplo, passou por esse processo iniciático, foi fundado no dia 1 de janeiro de 2000 por sua *mãe de santo* (na época, Mãe Wanda), seu primeiro nome era “Terreiro de Mina Nagô de Maria Babaçueira”. Ou seja, a hierarquia se mantém e os processos de repasses de saberes perduram na trajetória de quem aprendeu com um senhor ou senhora que dominam o saber.

Quando Pai Jackson aborda sobre o início de desenvolvimento dos médiuns, ele está em constante repasse de saber, e no terreiro tem sessões dedicadas às rezas. Em nossas conversas, que aconteceram no final de 2021, perguntei para ele sobre seu início com curador e benzedor e de onde vinha essa dedicação tão admirável com a religião, ele respondeu que em seu início ele teve apoio de sua mãe e também minha avó Guiomar, mas que era difícil a aceitação na escola e por parte de alguns irmãos mais velhos, porém em sua trajetória ele sempre foi determinado e seus encantados ajudaram muito e ele conheceu muitos benzedor(a)s e curandeiro(a)s que firmaram sua determinação. Dois nomes importantes nesse início, além de sua mãe, foi Mãe Wanda e Pai Jerônimo (pai de santo em Manaus-AM), ambos lhe ensinaram muitas coisas, das quais Pai Jackson resume em humildade e respeito.

Falar sobre os passos de um médium é falar sobre ancestralidade, os terreiros afro-brasileiros tem conexão fortíssima com seus ancestrais. Algo que percebi sobre os terreiros em que visitei, é que as hierarquias são seguidas com muito respeito aos mais velhos e encantados. No Ilê Asé Oyá Dinan, eu cresci ao lado de pessoas que estavam em busca de aprendizados e desenvolvimento de sua mediunidade, um exemplo é uma das interlocutoras desta pesquisa Mãe Lindalva. E nos dias atuais temos muitos jovens na caminhada de aprendizagem de cura e benzimento, como Pai Kisses Leivas Valente.

3.2 Pai Kisse Leivas Valente

Figura 12 – Pai Pequeno do Ilê Asé Oyá Dinan discursando na primeira caminhada contra a intolerância religiosa do município de Monte Alegre



Fonte: Acervo do autor, VALENTE, 2019.

Numa trajetória com um destino espiritualmente traçado e certo (pois um médium já nasce médium), os obstáculos ainda tentaram interromper o desenvolvimento de um dom espiritual. Assim começa a trajetória do Pai Kisse, quilombola, militante negro e afroreligioso no município de Monte Alegre. Nossa família tem raízes africanas, pertencemos a uma comunidade quilombolas, trazemos em nossa árvore genealógica o dom da mediunidade, da reza, de benzer e até curar, que teve início com nossos ancestrais em memória e em vida, o maior exemplo é nossa avó Guiomar. Pai Kisse teve com ela os primeiros contatos com o mundo espiritual, em nossas conversas, que iniciaram em 2018. Pai Kisse é Pai Pequeno do Ilê Asé Oyá Dinan, ou seja, é substituto do nosso Pai de Santo Pai Jackson em sua ausência, e está na linha de sucessão do terreiro.

Acompanhei os primeiros passos do meu irmão, Pai Kisse, no desenvolvimento de sua mediunidade, ele sempre foi muito antenado nos movimentos que nossa avó fazia quando estava benzendo alguém.

A relação das vivências de Pai Kisse com nossos interlocutores segue numa linha firme e com semelhanças, bem características de um médium que trás o dom de um curador(a) benzedor(a), o repasse do saber está nos detalhes da observação, como nos contou Pai Ubiraci sobre o que teve de ensinamentos com seu avô. Pai Kisse contou como era esses momentos de aprendizagem que teve com nossa avó:

Eu sentava no batente da porta e ela mandava eu sentar noutra lugar, pois se eu ficasse lá poderia receber as energias negativas, então eu ficava num canto próximo a ela. Ela fazia o sinal da cruz e começava a benzer sussurrando baixinho, que não dava pra ouvir. E eu curioso pra saber o que ela falava, mas ela não dizia, pois ainda não era a hora. Quando terminava o ritual de menos de cinco minutos, ela dava o “diagnóstico”, digamos assim, e dizia que a criança estava assustada, às vezes estava com quebranto, com dor em determinada região e até mesmo com uma doença mais grave (Pai pequeno Kisse de Ogum, em 2018).

Tendo em vista esse contato com a espiritualidade de nossa avó, Pai Kisse percebeu que sua jornada espiritual só estava começando, foi então que começou a ter sonhos, visões e sentimentos diferentes. Ele coloca que:

Minha avó, além de benzer, também era médium de incorporação e ia no terreiro do meu tio Jackson para fazer suas obrigações espirituais e “dar passagem” (ato de incorporar encantados) para suas entidades, como a gente chama a incorporação. E eu sempre tive vontade de ir lá no terreiro, pra assistir e ver como era, mas ainda era muito novo e dormia cedo. Minha avó conta que me levaram lá assim que eu nasci, para me apresentar e receber o primeiro axé, e que com os dois anos para os três eu fui também mais uma vez, porém minha memória curta não deixa eu lembrar, mas existiam fitas cassete nas quais eu aparecia. Mas foi só a partir dos 6 anos que eu comecei de fato a participar do terreiro, comecei a ir sempre com a minha avó, todo arrumado de branco (risos).

Pai Kisse conta que era frequente suas visitas ao terreiro, com um tempo ela começou sentir uma forte energia, era muito intensa, mas ao mesmo tempo muito satisfatória. Eu acompanhei muitas vezes as giras no terreiro, mas no meu caso não conseguia me concentrar, me juntava com outras crianças e ia brincar. Meu irmão (Pai Kisse) ficava muito conectado, ele dançava, cantava e ficava atento nas entidades. Em nossa conversa ele recordou com emoção o dia que teve seu primeiro transe, classificou como inexplicável, e aos poucos foi contando sobre sua primeira incorporação

Foi inexplicável, sabe uma coisa que a gente não consegue nem pensar em como explicar? Pois é assim, porque eu estava lá mas ao mesmo tempo transportava para outro lugar, algo mais forte que eu tomava conta dos meus sentidos e movimentos. Meu tio que é o pai de santo do terreiro e hoje meu atual e único pai de santo, me disse que foi uma manifestação de uma entidade de nome Zé Mineiro. E eu estava me sentido trêmulo e muito feliz (Pai Kisse de Ogum, 2018).

A incorporação é um dos principais elementos que compõem o dom de um médium. Todo(a)s curandeiro(a)s e benzedeiro(a)s que colaboraram com essa pesquisa são médiuns, ou seja, realizam suas práticas por intermédio dos encantados. No capítulo II da monografia do Paulo Victor (2021), trata sobre as histórias contadas por Dona Noca e de como as vivências dela contemplam parte de sua história, dando destaque ao processo de sinais dos encantados, as revelações em sonho, através de cartas e nas incorporações. Em um de seus relatos, sobre suas primeiras descobertas em relação a mediunidade, Paulo Victor (2021) relata que

Fui uma criança bem cuidada e querida por todos, porém, havia algo diferente em mim em relação às outras crianças da minha idade - sonhos, desmaios, convulsões e adoecimentos eram recorrentes, meu pescoço era mole, e eu estava sempre desmentido. Então, me levavam para uma rezadeira que morava no pé da serra do Santarenzinho, a mulher do índio como era conhecida. Todas as vezes que essa senhora rezava em mim, se sentia mal, cansava e falava que eu trazia um dom para curar e que chegaria o momento que isso iria acontecer (Paulo Victor, 2021).

Na construção desta pesquisa tive experiências muito incríveis, diálogos com muitas pessoas que assim como Pai Kisse e Pajé Paulinho, após identificar sua corrente de mediunidade, foram buscar mais a fundo sobre suas raízes, sobre sua ancestralidade. E podemos perceber que os mais velhos sempre aparecem como uma base de apoio e de ajuda aos que buscam entender sobre seus dons. O trabalho de Paulo Victor (2021) traz a voz de sua interlocutora para o texto, dona Noca, através dos diálogos com o autor, nos conta suas vivências e experiências com trabalho de cura. É importante enfatizar o quão importante é a pesquisa deste autor, que apresenta seu lugar enquanto pajé, sobretudo a atuação e práticas de pajelança e cura no Baixo Tapajós.

Pai Kisse deu seu primeiro passo em relação ao desenvolvimento de sua mediunidade, mas então, começaram os obstáculos, que é importante salientar, esse fato percorrido pela maioria dos interlocutores. Na maioria das vezes alguém tenta impedir que o médium busque se aprofundar e buscar respostas para o que sente espiritualmente. Pai Kisse contou que estava tudo bem depois de sua incorporação, mas nossa mãe soube de sua participação e resolveu interromper, pois em sua visão Kisse era muito novo para participar. Mesmo com o apoio da vovó Guiomar e o Pai Jackson, foi difícil nossa mãe mudar de ideia, ela estava preocupada com a saúde e os estudos, mesmo sabendo que era dom.

Depois de uns sete dias após nossa mãe ter afastado ele do terreiro, ela teve que entrar em contato com nosso tio Jackson e minha avó Guiomar, informando que ele estava muito mal. Meu tio (Pai Jackson) foi no interior, quando chegou lá viu Kisse bastante debilitado, com febre e fortes dores no corpo. Logo meu tio incorporou com a cabocla Herondina e falou que a “doença” era o afastamento do terreiro. Depois deste episódio toda família apoiou o caminho espiritual de meu irmão. Pai Kisse disse que seu caminho espiritual ficou livre para desenvolver e sua mediunidade ficou cada vez mais forte, ele então me falou sua trajetória e eu perguntei sobre suas entidades de incorporação, algo que todos nossos interlocutores têm em comum, a presença de encantados que estão nessa corrente mediúnica

Comecei incorporando o caboclo Zé Mineiro, como falei anteriormente, depois veio a dona Tereza Légua que tomou frente da minha corrente e hoje é assentada e catulada em meu ori, tem também a dona Nega Leonô (cabocla marajoara), dona Nega Ana (princesa africana que vem na linha da Bahia), seu 7 flechas (das matas), o Crispim (criança de Cosme e Damião), Exú Mirim e entre outros que são passeadores, como chamamos. (Pai Kisse de Ogum, 2021, informação verbal).

Essa primeira etapa das conversas com meu irmão, Pai Kisse, foi realizada em 2018, quando fizemos um evento de 30 anos do Ilê Asé Oyá Dinan, e como eu já estava em conversas com nossos mais velhos sobre as dinâmicas de aprendizagens, já direcionei as perguntas ao meu irmão focando no objetivo de minha pesquisa. Passamos um tempo sem dar seguimento aos nossos diálogos, mas retornamos em setembro de 2020, e é muito motivante perceber o quanto ele continua escrevendo novas páginas em sua trajetória no ramo da cura. Pai Kisse ganhou um cargo que nunca imaginava que seria tão cedo, pelo fato de ser tão jovem, e ser um dos cargo mais importantes dos terreiros que tem gira de desenvolvimento de médiuns.

Pai Kisse, apesar de um breve momento de resistência em relação ao desenvolvimento de seus dons, sempre teve muito apoio de nossa avó, mãe e tio, ou seja, a família apoiou seu processo iniciático, algo que não foi comum entre nossos interlocutores mais velhos, muitos tiveram um longo intervalo de afastamento em relação aos seus dons. Com isso podemos observar como é importante para um jovem o apoio neste início de recepção dos repases de saber. Sobre as atribuições de sua função no terreiro, Pai Kisse conta

Eu sempre fui muito dedicado nas coisas que faço e para o terreiro não era diferente, sempre gostei de preparar minhas roupas, assim como as dos meus caboclos, limpar os fundamentos e de arrumar o terreiro, coisa que eu aprendi

com meu pai de santo, meu tio Jackson. E em 2017 eu fui surpreendido para me tornar Pai Pequeno do Ilê Asé Oyá Dinan (nome do nosso terreiro), surpreendido porque é um cargo hierarquicamente alto e de extrema responsabilidade e respeito e existiam pessoas dentro do terreiro bem mais antigas e mais velhas que eu, mas não foi uma escolha arbitrária, tudo foi espiritualmente preparado, meu pai disse que foi cobrado pela sua Orixá Oyá, através de revelação e confirmado no ifá (jogo de búzios), pra que me suspendesse como Pai Pequeno do Ilê, ele então apresentou sua revelação para a comunidade que acatou com extremo respeito e amor. Hoje sou Pai Pequeno, respeitado pelos mais novos aos mais velhos, todos me chamam de pai, painho, paizinho, tomam benção e nunca senti indiferença ou repúdio da comunidade em relação a isso (Pai Kisse de Ogum, 2020).

Pai Kisse respondeu com muita atenção às minhas perguntas, fiquei muito contente, pois essas respostas reforçam a importância dos repasses dos saberes. Nas perguntas finais quis saber sobre as referências de sua trajetória, sobre a importância dos mais velhos e aproveitei para falar um pouco sobre as mensagens que os mais velhos têm para os mais novos, retratadas no primeiro capítulo pelos interlocutores.

Hoje faço meus trabalhos de descarrego, benzo, passo ensinamentos e continuo aprendendo muito com as vivências e experiências. Sempre busco aprender mais, com as pessoas de terreiro, carrego os ensinamentos de Mãe Beata de Yemonjá, Stella ty Oxossi, Makota Valdina, que foram grandes lideranças afro religiosas, militantes e ativistas. E hoje eu sou o que sou, graças a Deus, meus orixás, meu pai Ogum e Yemanjá, meus guias de luz (Zé Mineiro e Tereza e os outros), graças a minha saudosa avó Maria Guiomar, mulher que eu tenho intangível admiração e respeito pois foi quem me ensinou a ser quem eu sou e o que sei (Pai Kisse de Ogum, 2020).

Fazendo um gancho sobre as vivências no processo de aprendizagem de Pai Kisse com os mais velhos e os cuidados com o corpo, mais uma vez trago Paulo Victor (2021) para essa conversa, onde ele nos diz sobre os cuidados com o corpo antes e depois de ajudar alguém, ou seja, não é porque se tem o dom para curar e benzer, que médium não vai cuidar-se

Na minha experiência, durante o tempo em que trabalho como curador, recebo em minha casa muitas pessoas com situações diversas as quais confiam que eu possa resolver, é preciso que meu corpo físico esteja bem para atender essas pessoas, ou, fazer as defumações com cigarro de Tauari, pois, quem dá o passe absorve parte das energias de seus consulentes, é preciso cuidar da saúde e agradar os guias para que possam trazer a força nos momentos de atendimento ou em outros trabalhos mais complexos. Ser curador não quer dizer que não se pode adoecer ou passar por dificuldades como as outras pessoas, o pajé também deve se cuidar, descarregar de seu corpo as energias doentes e perturbações, e quando o pajé tem o dom da incorporação é importante que seus espíritos venham para dar força espiritual e física ao seu receptor, como para visitar seus filhos, mantendo contato com as pessoas. (Paulo Victor, 2021).

Que maravilha essa força de encontros de vivências, é indispensável não relacionar essas vivências com a ancestralidade indígena e quilombola, e como essas forças se conectam. Finalizando nossa conversa, ele faz suas considerações e agradecimentos, e percebemos o quanto ele destaca a importância dos responsáveis pelos repasse de conhecimentos. Primeiro ele agradece nossa avó Guiomar, depois nosso Pai de Santo Jackson ty Oyá, nossa Mãe de Santo Yá Mariazinha e para finalizar, Pai Kisse agradece os encantados.

Pai Kisse, mesmo tão novo trás em suas palavras um sábio e potente incentivo para os que, assim como ele, estão nesta dinâmica de aprendizagem. E ele reforça a importância dos mais novos seguir aprendendo e a levar o legado ancestral com responsabilidade e resistência

Confesso que não foi fácil chegar até aqui, enfrentar o racismo religioso na escola, nas ruas, que se eu fosse contar aqui, teu TCC ia se tornar uma tese de doutorado. Sempre busquei desmistificar a imagem deturpada que as pessoas criaram em relação à umbanda, candomblé, mina nagô e as demais religiões de matriz africana. Considero importante, mesmo com a pouca idade, já caminhei bastante e peço que assim possamos conduzir a bandeira de Oxalá, com luta e resistência. Que ogum, o cavaleiro de Oxalá, general da minha alma e do meu coração, livra-nos dos nossos inimigos, dos infortúnios e das injustiças, que me mantém firme no propósito de lutar e espalhar a paz. Que sua luz inunde nossas consciências, que o aço de sua espada esteja sempre a nos proteger, faça das nossas vidas arena de amor e vitórias. Axé! (Pai Kisse de Ogum, 2021)

Meu irmão, Pai Kisse, é uma liderança admirável, que sempre em suas falas e atitudes cria e recria eventos e discussões de combates a intolerância religiosa, nesse processo de aprendizado, ele faz questão de levantar a bandeira de Oxalá, a bandeira da paz. No trânsito das religiões temos sim estruturalmente privilégios para determinadas religiões, começando pela evasão escolar, conflitos sociais, vergonha de nos assumirmos enquanto macumbeiro(a)s (uso essa expressão utilizadas por muitos de forma depreciativa e preconceituosa, como forma de enfrentamento político, de mostrar que somos e estamos em luta contínua contra a intolerância religiosa e o racismo). Em nossas conversas, eu e meu irmão e Pai Pequeno (Kisse) nos emocionamos muitas vezes, ao lembrar dos apelidos pejorativos. Sempre agradeço imensamente a nossa família por ser tão atenta e nos ensinaram sempre a lidar com o preconceito racial e religioso. Você jovem curandeiro(a) e benzedeiro(a), ouçam as vozes de terreiro, ouçam as vozes dos nossos mais velhos, e que assim como Pai Jackson, Mãe Mariazinha e Pai Kisse possamos seguir aprendendo e valorizando os repasse de saber.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na caminhada que percorri junto aos interlocutores ouvi muitas vozes, vozes que rezam, vozes que benzem e curam os que têm fé, vozes que ensinam e que estão sempre à espreita para ensinar. Enganasse quem pensa que Monte Alegre não carrega a extensão das encantarias dos nossos ancestrais, ao dialogar com esses senhores e senhoras percebemos o quão forte é a corrente de quem tem o dom da cura e do benzimento, e como é importante que os mais novos busquem se aprofundar nos ensinamentos.

O trabalho percorreu a gira dos saberes ancestrais, teve como ponto norteador as vozes de quem vivenciou e vivencia as dinâmicas de ensinamentos das práticas de cura. Ressaltando o que estão pensando os mais velhos em relação aos mais novos, sobretudo, o que os benzedeiro(a)s e curandeiro(a)s estão repassando e o quanto necessitam da dedicação dos que estão dando seus primeiros passos com seus dons.

Desta maneira desconstruindo certos estereótipos e preconceitos sobre esses senhores e senhoras que dominam a gira ancestral do município de Monte Alegre - PA, e assim, enriquecendo o conteúdo produzido sobre os interlocutores, que fazem parte de religião afro-brasileira, tendo grande contribuição para a comunidade acadêmica, e sem dúvida, para os que estão no início desta gira, que é parte de uma gigante base ancestral.

Girei com perguntas voltadas para a trajetória do(a)s mais velho(a)s benzedeiros e curandeiro(a)s, apesar de não ter um roteiro de perguntas fixas e rígidas, meus questionamentos foram sobre “*Como esses senhores e senhoras estão vendo o interesse dos mais novos em relação a cura e benzimento*”, “*Os mais novos estão interessados nos repasses de saber?*”. Ao contrário dos dizeres populares “*os jovens hoje em dia não querem mais saber de nada, não se interessam, não buscam se aprofundar etc*”. Percebi com essa pesquisa do TCC que os jovens estão em constante processo de aprendizagem, direta ou indiretamente, pois as relações vão se estabelecendo com os mais velhos, e mesmo que não seja algo repassado em conversas diretas, o conhecimento se dá através das vivências, como é o caso de todos interlocutores.

Falar do processo de benzimento e cura é falar de forças dos encantados, é falar do poder divino de Deus que através dos mestres do saber trazem a benção da cura. Portanto, o conhecimento é repassado de forma espiritual, como é o caso de Pai Bira,

minha avó Guiomar e Mãe Lindalva que trazem uma fala interessantíssima de que eles(as) não sabiam muita coisa, quem sabe são seus encantados.

O processo de aprendizagem e de iniciação entre os(as) interlocutores(as) se assemelham e formam uma teia de relações que envolvem sintomas no corpo com manifestação das entidades, força ancestral e inspiração dos mais velhos. Além dos sintomas, todos(as) tiveram um início conturbado por uma não aceitação. Uma semelhança que me pôs a pensar, são esses conflitos que todos(as) enfrentaram, e ainda enfrentam, pois além do conflito íntimo, do autoentendimento enquanto banzedor(a), curandeiro(a) - médium, tem os conflitos nas relações sociais, que começam com famílias, e na sociedade como um todo, trazendo aspectos tão dolorosos de intolerância religiosa. Por que essa semelhança de conflitos me deixou pensativo? Pois esses conflitos continuam existindo, o preconceito, o racismo religioso e a intolerância religiosa estão presentes em nossa sociedade. Portanto, acredito que esse é o principal motivo que pode afastar um(a) jovem da busca por conhecimento dos seus dons, de sua ancestralidade. Esse pensamento abre espaço para um objetivo que pretendo seguir na extensão desta pesquisa.

É importante ressaltar a importância da religião de matriz africana para quem está nesse processo de aprendizagem, como exemplo, temos o terreiro de Pai Jackson e Mãe Mariazinha que instrui e encaminha os mais jovens para entender e desenvolver seus dons. Eles levantam essa bandeira do encaminhamento, do afeto entre os filhos e filhas, da atenção com o desenvolvimento dos médiuns. A troca que o povo de santo de terreiro tem, como um todo, é o que gira essa dinâmica de fortalecimento dos que estão dando seus primeiros passos.

Todos os interlocutores trouxeram em suas vivências o ponto de partida dos seus dons, e como essa extensão é diretamente ligada à ancestralidade. Minha avó Guiomar herdou de sua mãe, Pai Ubiraci herdou de seu avô, Mãe Lindalva herdou de sua mãe e avós, Pai Jackson, Pai Kisse e eu, herdamos de nossa matriarca Guiomar, Mãe Mariazinha herdou de sua mãe. Como explanei acima, muitos dos(as) interlocutores(a)s relataram um início doloroso no processo de aprendizagem por parte de familiares que não queriam aceitar, mas com o tempo iam aderindo e entendendo que era dom e devia ser seguido.

Nesse processo de compreensão das dinâmicas de repasses de conhecimento, os diálogos com as mulheres foi algo que me conectou nessa gira. E todos os interlocutores

homens enfatizaram a importância das mulheres em sua trajetória de aprendizagem. Essas mulheres que atuam nos terreiros e para além dele, protagonizam a luta por políticas públicas, a luta por um lugar não subalternizado, na luta por uma educação de qualidade e formas de produção de vida. As vivências das curandeiras e benzedeadas, que possuem multifunções, sobretudo na comunidade de terreiro, refletem um papel de está o tempo todo produzindo e propondo conhecimento e fazendo manutenção dessa memória.

Abri meu TCC abordando sobre a gira, e o desenvolvimento de uma gira tem o começo, meio e o “encostar” (não tem fim), que é quando encerramos uma sessão, pois é assim que faço minhas considerações finais. Encosto aqui o desenvolvimento dessa pesquisa, como uma gira não tem fim, em trabalhos posteriores pretendo seguir com a extensão deste trabalho, desta temática, desse universo de encantaria que é a cidade de Monte Alegre PA. As dinâmicas de aprendizados e a continuidade das práticas de cura estão em um gradativo processo de repasse, envolvendo as vivências entre os mais velhos e os mais novos, as forças dos encantados e a ancestralidade. Como toda gira termina com o hino da umbanda, e essa canção é de conhecimento de grande parte dos curandeiros e benzedeados, encosto nossa gira deste modo.

HINO DA UMBANDA

Refletiu a luz divina

Com todo seu esplendor

Vem do Reino de Oxalá

Onde há paz e amor

Luz que refletiu na terra

Luz que refletiu no mar

Luz que veio de Aruanda

Para tudo iluminar

A umbanda é paz e amor

É um mundo cheio de luz

É a força que nos dá vida

E à grandeza nos conduz

Avante, filhos de fé

Com a nossa lei não há

Levando ao mundo inteiro

A bandeira de Oxalá.

Canção de Sérgio Pererê

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019.
- BERGO, R. S. **Quando o santo chama**: o terreiro de umbanda como contexto de aprendizagem na prática. Belo Horizonte: UFMG, 2011.
- BORARI, Paulo Victor. **Envirataia** - espantando os maus espíritos dona noca - a história de vida uma pajé do baixo Tapajós (Santarém, PA). Universidade Federal do Oeste do Pará, 2021.
- ICHIKAWA, E. Y., & Santos, L. W. (2003). Vozes da História: Contribuições da História Oral à Pesquisa Organizacional. In: Encontro Nacional da Associação dos Programas de PósGraduação em Administração, **Resumo dos trabalhos ENANPAD 2003**, Atibaia: ANPAD.
- LEITÃO-BARBOZA, Myrian Sá; MUZANZU, Carla Ramos; SOUZA, Izonara dos Santos; OYA, Edivanei. 2021a. “Sem as plantas a religião não existiria”: simbologia e virtualidade das plantas nas práticas de cura em comunidades tradicionais de terreiros amazônicos (Santarém, PA). **Nova Revista Amazônica**. IX(3):147-165.
- LEITÃO-BARBOZA, Myrian Sá; MUNZANZU, Carla Ramos; SOUZA, Izonara Augusta dos Santos; MOURA, Beatriz Martins; PEREIRA, Anderson Lucas da Costa. Confluência de saberes: vivências alimentares e pedagógicas em uma comunidade tradicional de terreiro na Amazônia. In: **Coletânea educação para as relações étnico-raciais**. vol 1. Organização Cicera Nunes; Jean Gustavo de Oliveira Moraes; Henrique Dias Gomes de Nazareth; Nágila Oliveira dos Santos. Rio de Janeiro: Pachamama editora. 2021b.
- LIMA, Antonio Ailton de Sousa. **As práticas de cura na umbanda em Redenção**. Redenção: [S.n.], 2016.
- MOURA, E. C. D. Eu te benzo, eu te livro, eu te curo: nas teias do ritual de benzeção. **Mneme** (Caicó. Online), v. 12, p. 964-980, 2011.
- MAUÉS, Raymundo Heraldo. “Medicinas populares e ‘pajelança cabocla’ na Amazônia”. In: ALVES, Paulo César; MINAYO, Maria Cecília de Souza (orgs.). **Saúde e doença, um olhar antropológico**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994.
- MELO, Rafael José de . Voz e Cozinha dos Orixás nos Terreiros Campinenses. **A revista Cronos** - Publicação Semestral do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, v. 15, p. 88-113, 2014.
- MUNANGA, Kabengele. **Teoria social e relações raciais no Brasil contemporâneo**. Niterói, n. 12, p. 1-9, 2010. Disponível em: https://www.mprj.mp.br/documents/20184/172682/teoria_social_relacoes_sociais_brasil_contemporaneo.pdf. Acesso em: 10 set. 2022.
- NERY, Vanda Cunha Albieri. Rezas, Crenças, Simpatias e Benzeções: costumes e tradições do ritual de cura pela fé. In: VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, 2006, Uberlândia/MG. **Anais**. Uberlândia/MG: 2006. p.2.
- PEREIRA, Anderson L. **Mãe Mariana pede, a gente faz?**: um estudo antropológico da relação do Pai de Santo com o Altar da Cabocla Mariana. 2014

SANTOS, Antônio Bispo. Palestra concedida em 21 de novembro de 2019, durante as atividades da VII Semana da Consciência Negra da UFOPA, 2019.

SEEGER, Anthony. 1991. 'Etnografia da música'' *in*: **Caderno de campo**. Tradução: Giovanni Cirino. P. 127-156. 2008.

TYLOR, Edward Burnett. **Primitive Culture**. Inglaterra: GordonPress, 1871.

VAZ, Florêncio. **Pajés benzedores, puxadores e parteiras**: Os imprescindíveis sacerdotes do povo amazônico. Santarém: Ufopa, 2016.